

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A COMUNICAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS:
PERSPECTIVAS PARENTAIS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL**

Marlene Quintal

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)**

2012

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**A COMUNICAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS:
PERSPECTIVAS PARENTAIS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL**

Marlene Quintal

Dissertação orientada pela Professora Doutora Maria João Alvarez

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)

2012

Agradecimentos

Gostaria de manifestar o meu profundo agradecimento a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização desta monografia:

À Professora Doutora Maria João Alvarez, por ter orientado este trabalho, por toda a ajuda e disponibilidade que sempre demonstrou ao longo deste percurso, pelos incentivos constantes e pelos ensinamentos, aqui fica o meu mais sincero obrigado.

A todos os professores da Secção de Psicologia da Educação e Orientação, pelo especial contributo que representaram na minha formação ao longo destes dois anos. Um obrigado especial à professora Alexandra Marques-Pinto, pela disponibilidade e apoio sempre presentes e pela motivação transmitida para a realização deste trabalho.

Aos meus colegas de turma, pelas experiências e entusiasmo partilhados. Todos foram importantes para que esta meta pudesse ser alcançada. À Joana e à Rita, companheiras de viagem, por ajudarem a tornar esta minha aventura mais rica, feliz e gratificante.

A todos os meus amigos que sempre me acompanharam e incentivaram. À Sónia, à Carina, à Luísa, à Debora, à Sandra e à Carla pelo carinho que sempre caracterizou a nossa amizade e por ajudarem a manter claros os meus objectivos. Travamos muitas lutas juntas, por isso é também graças a vós que este trabalho hoje se concretiza.

À Mara, pela motivação que me transmitiu e, pelos momentos de reflexão e orientação que em muito me ajudaram ao longo deste ano e à Fátima pelo apoio na recta final deste trabalho. A vossa ajuda foi determinante, acreditem.

Aos meus pais, pelo exemplo que desde sempre representam para mim, pela confiança e por terem vivido também este sonho como se fosse deles, Obrigada por tudo!

Resumo

Reconhecendo a importância de uma educação para a sexualidade junto das crianças e jovens, surge em 2009, legislação que implementa a obrigatoriedade da educação sexual (ES) nas escolas portuguesas.

Os pais, enquanto agentes essenciais neste processo de educação, devem ser auscultados pelo que nos interessa conhecer as perspectivas, atitudes e experiências dos pais face à ES nas Escolas e a sua comunicação com os filhos, recorrendo para tal a um questionário *on-line*.

Cerca de 90% dos pais, reforçaram a importância de uma educação sexual em meio escolar, 95% apoiou-a como uma responsabilidade a partilhar entre pais e escola e consideraram que o seu início devia ocorrer até ao final do 1º ciclo.

Foi possível verificar que na comunicação com os seus filhos, características como a importância atribuída à ES, o conhecimento, o conforto e a ES recebida, exerciam influência na qualidade, encorajamento e extensão da abordagem realizada.

Apesar de considerarem providenciar aos filhos uma ES de qualidade e de considerarem importante uma abordagem abrangente da ES, os pais tendem a discutir sobretudo tópicos específicos relativos à componente biológica da sexualidade e à saúde sexual.

Palavras-chave: Educação Sexual, atitudes dos pais, comunicação entre pais e filhos.

Abstract

In acknowledgement of the importance of sex education for children and adolescents, legislation to implement mandatory sex education (SE) in Portuguese schools emerged in 2009.

Parents, as essential agents in this process, deserve to be heard, and so we set out to understand parents' perspectives, attitudes and experiences on SE in schools, and their communication with their children, using an online survey.

Around 90% of parents, reinforced the importance of SE in schools, 95% supported it as a shared responsibility between parents and schools and considered its onset as being necessary before the end of 4th grade.

They believe that in communicating with their children, features such as the importance attributed to SE, knowledge, comfort and the SE received, impact the quality, encouragement and extension of this approach.

Despite considering that they provide their children with a quality SE and regard a comprehensive approach to SE as being important, parents tend to discuss specific topics mainly related to biological issues and sexual health.

Keywords: sexual education; parents' attitudes; parent-children communication

Índice

Agradecimentos.....	i
Resumo.....	ii
Abstract.....	iii
Introdução.....	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico.....	3
A Educação Sexual e o Quadro Legal no nosso País.....	5
Os Agentes envolvidos na Educação Sexual.....	9
A Comunicação entre Pais e Filhos.....	11
Influência das características parentais na comunicação com os filhos.....	17
Perspectiva parental sobre a importância da Educação Sexual.....	18
Objectivos e Questões de Investigação.....	19
Capítulo II – Método.....	21
A Metodologia quantitativa e qualitativa.....	21
Participantes.....	23
Instrumento.....	23
Procedimentos.....	26
Análise dos dados.....	28
Capítulo III – Apresentação dos Resultados.....	31
Atitudes perante a Educação Sexual.....	32
A importância atribuída aos tópicos de Educação Sexual.....	33
Nível de escolaridade preferencial para a introdução da Educação Sexual.....	35
Educação Sexual disponibilizada em casa.....	39
Comunicação entre pais e filhos.....	41

Educação Sexual recebida pelos pais.....	43
Análise de Conteúdo.....	44
Capítulo IV - Discussão e Conclusões.....	45
Limitações do Estudo.....	52
Implicações do Estudo.....	53
Referências Bibliográficas.....	54
Lista de Anexos.....	60
Anexos	

Introdução

A sexualidade enquanto componente integrante da vida de qualquer ser humano está presente numa multiplicidade de contextos. Pela sua importância, esta é uma área que merece ser ensinada no sentido de promover o desenvolvimento de comportamentos e atitudes que possam desencadear condutas mais saudáveis e de qualidade, com vista ao bem-estar dos indivíduos (Carvalho, 2008).

Num momento em que se reconhece a Educação Sexual (ES) como vertente do processo global da educação, surge no nosso país, legislação implementada pelo Ministério da Educação (Decreto-lei n.º 60/2009), na qual se estabelece a obrigatoriedade da aplicação da ES em todos os estabelecimentos de ensino portugueses.

A educação a este nível deve envolver diversos agentes, numa acção conjunta e colaborativa de forma a torná-la mais informativa, reveladora da multiplicidade de perspectivas, opiniões, escolhas e sobretudo eficaz e responsável, num processo a iniciar cedo, acompanhando o desenvolvimento das crianças e dos jovens (Marques, 2000).

Apesar de ser reconhecida a importância do processo de formação afectivo-sexual das crianças e dos jovens, poucos têm sido os trabalhos de investigação desenvolvidos junto dos pais quer numa perspectiva mais teórica (e.g. conhecer as suas opiniões sobre a ES em meio escolar, anos de escolaridade em que os tópicos devem ser abordados, ES recebida e comunicação com os filhos), quer numa perspectiva mais aplicada (e.g. levar os pais a participar efectivamente na ES ocorrida em contexto escolar).

O presente estudo pretende combater uma lacuna existente na literatura em torno do desconhecimento das perspectivas parentais sobre a ES em meio escolar.

Procuramos, através dos dados recolhidos, contribuir para alargar o conhecimento em torno deste domínio, e dispor de sugestões para realizar ajustamentos que possam vir a mostrar-se necessários, no futuro, no âmbito da ES nas escolas. É também nosso objectivo, contribuir para o envolvimento positivo dos pais junto dos seus filhos no processo de formação afectivo-sexual, facilitando a participação dos pais na escola, dispondo de informações que os possam ajudar a tomar decisões para o projecto de Educação Sexual a desenvolver nas escolas.

Capítulo I - Enquadramento Teórico

A sexualidade é algo que se encontra vinculado ao ser humano desde o nascimento, e que o acompanha ao longo do desenvolvimento emergindo, em muito, de um processo de aprendizagens e experiências continuadas, marcando presença na sua vida diária por via de uma multiplicidade de formas e contextos (Carvalho, 2008).

Desde muito cedo, aprendemos a reconhecer as diferenças entre os sexos, as condutas e concepções comportamentais adequadas e construímos uma identidade sexual através de interações sociais e familiares, reconhecendo esta dimensão como componente integrante da nossa própria personalidade (Frade, Marques, Alverca & Vilar, 2010). Dada a sua complexidade e significado é-lhe atribuída um cariz multidimensional por englobar aspectos não só a nível biológico e reprodutivo, como também ao nível social, interpessoal, afectivo-relacional e psicológico (Frade et al., 2010; Vaz, 1996).

Segundo a Organização Pan-americana da Saúde [PAHO] e a Organização Mundial de Saúde [WHO] “a sexualidade remete para uma dimensão essencial do ser humano que inclui o género, a identidade e orientação sexual, o amor e o erotismo, o apego e a reprodução. Esta pode manifestar-se em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes e valores, sendo a interação de factores de ordem biológica, psicológica, sociocultural, ética e religiosa” (PAHO; WHO, 2000).

Podemos concluir então que este conceito é cada vez mais entendido como algo muito mais vasto do que uma simples relação sexual entre duas pessoas, que envolve não apenas comportamentos, mas também conhecimento, valores, atitudes e emoções.

É esta a concepção que adoptamos, considerando a sexualidade como um conjunto de noções ligadas ao desenvolvimento corporal, à maturação sexual e à reprodução bem como ao conjunto de valores que a ela se encontram associados, às relações afectivas, à qualidade das relações interpessoais, à vivência da intimidade, à identidade sexual e à promoção da saúde sexual (Frade et al., 2010; Grupo de Trabalho de Educação Sexual, 2007). Ainda assim, este é um assunto que envolve diversas polémicas a nível social e cultural presente no seio das famílias e que se apresentam como entraves à educação disponibilizada aos indivíduos (Lobão, 2007).

De forma a contextualizar a necessidade e a urgência em implementar medidas eficazes para a formação das crianças e dos jovens ao nível da educação para a sexualidade, importa considerar diferentes abordagens que emergiram em torno do tema. As abordagens à sexualidade e conseqüentemente à Educação Sexual (ES) são diversificadas e podem decorrer de diversos modelos, como são exemplos os modelos impositivos conservadores, os modelos impositivos de ruptura, os modelos médico-preventivos e os modelos de desenvolvimento pessoal (Dias, Ramalheira, Marques, Seabra, & Antunes, 2002). De modo a evitar transmitir uma imagem e uma educação da e para a sexualidade redundante e reducionista importa conhecer e distinguir cada modelo.

Os modelos impositivos conservadores têm uma origem de ordem religiosa defendendo regras e normas rígidas no que concerne à sexualidade. São modelos que desvalorizam formas de sexualidade que não se incluem em contextos de reprodução, e por isso se distanciam da realidade social vivida em torno da sexualidade e das relações (Dias et al., 2002; Vaz, 1996). Os modelos impositivos de ruptura, surgem acompanhando a revolução sexual e os movimentos estudantis, feministas e

homossexuais dos anos 60 e 70. Propõem novos ideais para os relacionamentos sexuais e amorosos, mas são igualmente rígidos tendo a sua base nas relações político-ideológicas (Dias et al., 2002; Vaz, 1996).

Numa perspectiva diferente, surgem os modelos médicos - preventivos, que focam sobretudo a componente biológica e fisiológica da sexualidade, surgido da preocupação em torno da problemática do aborto, das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), a qual reforça a componente preventiva e higienista, mas descurando as questões relacionais e emocionais da sexualidade (Dias et al, 2002; Vaz, 1996).

Finalmente os modelos de desenvolvimento pessoal, defendem uma perspectiva mais integrativa, relativista e plural considerando a sexualidade como algo complexo que envolve várias dimensões (biológica, social e psicológica), as emoções e o prazer, emergindo de uma construção pessoal continuada, e contemplando atitudes tolerantes e abertas face à vivência da sexualidade (Dias, et al, 2002; Vaz, 1996). Estes modelos distinguem-se dos anteriores na medida em que vêm contribuir para uma visão abrangente, que valoriza a comunicação, o respeito pelo outro, e envolvimento afectivo, as diversas expressões e manifestações positivas da sexualidade enquanto escolha pessoal, para os quais é essencial receber informação adequada para o desenvolvimento de atitudes responsáveis, conscientes e saudáveis (Vaz, 1996).

Na sequência destes modelos, surgem diversos programas com os mais variados objectivos no sentido de dar resposta às necessidades da ES, como são exemplos os programas de educação para a prevenção do VIH e outras IST's, os programas promotores de abstinência e os de prevenção da gravidez adolescente (Kirby, 2003).

A Educação Sexual e o Quadro Legal no nosso País

Ao longo das últimas décadas, várias realidades relacionadas com a saúde sexual impulsionaram o interesse quanto à criação e implementação de medidas fundamentais para o bem-estar integral do indivíduo. Entre estes acontecimentos encontram-se aspectos ligados ao campo da saúde sexual e reprodutiva; aos elevados níveis de IST's onde se incluem infecções pelo vírus VIH, as elevadas taxas de gravidez adolescente e a crescente evolução no corpo de conhecimentos teóricos nas áreas da medicina, psicologia, sociologia e antropologia que vêm reforçar a urgência da implementação de medidas de acção eficazes (PAHO; WHO, 2000).

Actualmente, a Educação Sexual é entendida como “o processo contínuo de aprendizagem, em que toda a comunidade (educativa) é interveniente e que se realiza através de um conjunto de acções intencionais e estruturadas, que dizem respeito a processos de aprendizagem sistemáticos, desenvolvidos por profissionais, preferencialmente em contexto escolar, apelando à consciencialização da aprendizagem” (Ministério da Educação, 2001).

Em Portugal, a primeira referência legal à ES surge em 1984 (Lei 3/84) e determina o direito à ES como uma componente fundamental da educação enquanto responsabilidade do estado, em acções conjuntas com a família, através da introdução de conteúdos específicos nos programas escolares. Em 1986, no seguimento da Lei de Bases do Sistema Educativo, são implementadas nas disciplinas de Biologia e Ciências da Natureza aspectos de cariz biológico e médico-reprodutivos da sexualidade (Marques, 2000). Já em 1998, é aprovado o Relatório Interministerial para a Elaboração de um Plano de Acção em Educação Sexual e Planeamento Familiar onde são apresentados os objectivos prioritários das intervenções delineadas encarando a ES

como uma componente essencial da educação e da promoção da saúde e valorizando as componentes relacionais e sociais além dos individuais (Marques, 2000). Um ano depois, é publicada a lei 120/99 que reforça a importância da saúde reprodutiva, estabelecendo programas para a promoção da saúde e da sexualidade humana, dirigida não só à dimensão biológica mas também a outros aspectos onde se incluem as IST's, os métodos contraceptivos, o planeamento familiar, as relações interpessoais e a igualdade de géneros (Marques, 2000). Mais recentemente, o decreto-lei 60/2009 determina a obrigatoriedade da educação sexual em todas as escolas, desde o 1º ciclo do Ensino Básico até ao Ensino Secundário. Da Portaria 196A-2010 publicada na sequência da lei, constam os conteúdos a abordar, os objectivos específicos a atingir, em função do ciclo de ensino e adaptado ao próprio processo de desenvolvimento das crianças e jovens (Frade et al., 2010).

Apesar da polémica e numerosas dúvidas criadas em torno da Educação para a sexualidade como conteúdo a ser abordado no contexto escolar, Lobão (2007) sublinha a importância da ES não só no que se refere à transmissão de informação e conhecimentos mas também e sobretudo na transmissão de valores e atitudes face à sexualidade.

Importa referir que foi organizado um conjunto de princípios fundamentais da ES pelo qual se rege o quadro legal actualmente vigente no nosso país, destacando-se: a) o início precoce da ES a par e passo com o processo de desenvolvimento; b) através da contribuição de diversos agentes com intervenção nos variados contextos de vida, e c) abrangendo uma grande variedade de tópicos. Inserido num contexto holístico da saúde e do bem-estar, a ES enquadra-se como um direito essencial e um contributo individual e comunitário (Marques, 2000; WHO, 2010).

Em termos gerais, o objectivo central da ES disponibilizada nas escolas, remete para a oportunidade de proporcionar uma vivência informada numa perspectiva preventiva, gratificante, autónoma e responsável da sexualidade (Marques, 2000; WHO, 2010). Além destes, outros objectivos mais diversificados associados aos conhecimentos, sentimentos e atitudes bem como às competências individuais, mostram o elevado relevo da contribuição de uma ES abrangente para o desenvolvimento individual.

No âmbito dos conhecimentos trabalham-se aspectos ligados à compreensão das dimensões da sexualidade, ao desenvolvimento biológico e aos mecanismos reprodutivos e contraceptivos e também à diversidade dos comportamentos sexuais ao longo do ciclo vital, entre outros. Já no domínio dos sentimentos são introduzidos componentes relativos à aceitação positiva do próprio corpo, do prazer e da afectividade e às atitudes não discriminatórias relativamente às diferentes expressões sexuais. E, finalmente, numa tentativa de incentivar uma aprendizagem em torno das capacidades individuais, pretende-se promover a autonomia e a tomada de decisão no âmbito das relações, com o objectivo de assim fazer aumentar a capacidade de recorrer aos meios adequados para solicitar apoio e ajuda sempre que necessário. Todos estes objectivos representam uma parcela do conjunto de informações, conhecimentos e abordagens que se pretende pôr à disposição das nossas crianças e jovens no sentido de as educar consciente e responsabilmente (Marques, 2000; Azevedo, 2001; Frade et al., 2010).

Apesar de serem aspectos comuns da ES, a abordagem destes assuntos deve encontrar-se adaptada ao seu público-alvo. No sentido de adequar a informação a disponibilizar às crianças e aos jovens que recebem ES, foram criadas linhas

orientadoras de forma a facilitar a selecção dos conteúdos em concordância com o processo de desenvolvimento da criança e do jovem (ME, 2009).

A abordagem às diferentes dimensões da sexualidade acima referidas, surge com o debate sobre tópicos como a noção do corpo, as diferenças entre rapazes e raparigas, a noção de família, a protecção do corpo e a noção dos limites, numa primeira abordagem junto dos mais jovens (1.º Ciclo); puberdade, transformações corporais, reprodução humana e crescimento – contracepção e planeamento familiar e diversidade, no 2.º Ciclo; compreensão da reprodução humana do ciclo menstrual e ovulatório, métodos contraceptivos, IST's, gravidez na adolescência, visão relacional da sexualidade – afectos, maturidade emocional, projectos de vida e valores; no 3.º Ciclo aprofundados também no secundário (ME, 2009; WHO, 2010).

Esta adaptação revela-se fulcral e é vista com uma das principais particularidades a considerar na educação prestada, de forma não só a acompanhar gradualmente o crescimento e amadurecimento físico e psicológico, mas também numa tentativa de dar resposta às dúvidas e curiosidades que as crianças e os jovens apresentam ao longo das suas experiências pessoais (GTES, 2007).

Os Agentes envolvidos na Educação Sexual

Dada a evidente necessidade em providenciar uma educação consistente ao nível da ES, não basta colocar à disposição do público-alvo uma série de informações, sendo necessário inseri-las no contexto da relação entre educador e educando, em colaboração com os pais e a escola, de forma a garantir que o objectivo principal de munir o educando de conhecimentos úteis se proporcione e possibilite uma vivência plena da sexualidade seja alcançada (Azevedo, 2001; Dias et al., 2002; Lobão, 2007).

Assim, várias são as fontes que actuam, directa ou indirectamente, como intervenientes na educação sexual das crianças e dos jovens através de “acções” formais ou informais, as quais contribuem quer para a transmissão de informações, conhecimentos e valores quer para a capacitação e interiorização de papéis sociais.

De um modo mais formal, a escola e os agentes educativos especializados são os que mais contribuem para a educação sexual que ocorre de uma forma estruturada, intencional e planeada, pela utilização do contexto escolar como espaço de suporte e desenvolvimento de uma identidade sexual. Os professores têm então a oportunidade de criar um ambiente de compreensão, respeito e aceitação, aspectos facilitadores da reflexão sobre um conjunto de assuntos a ser debatido. Neste sentido, torna-se necessário facultar ao professor ferramentas necessárias para abordar os diversos aspectos que o currículo escolar incorpora, de forma a que os receios, as falsas crenças e algum desconforto que tendem a encontrar-se associados à ES não interfiram com o processo de aprendizagem dos alunos (Carvalho, 2008; Ribeiro, s.d.).

Por outro lado, a família e outros adultos significativos, agem como fontes informais e espontâneas nesta educação servindo no entanto, como modelos em especial nos estádios mais precoces do desenvolvimento (Farias, 2002).

Contudo, de acordo com Sieg (2003), os pais referem repetidas vezes, não ter acesso a informações “credíveis”, meios, à-vontade e distanciamento emocional suficientes para dialogar sobre os vários tópicos importantes e pertinentes com os filhos estando de acordo com as suas necessidades. A escola surge então como um veículo significativo de informação sobre este tema, uma vez que em casa, no sistema familiar, assuntos desta natureza não são abordados, ou são-no de uma forma superficial (Farias,

2002), o que se demonstra ser insuficiente e pouco satisfatório quer para os filhos quer para os pais (Sieg, 2003).

Apesar da influência visível que os professores têm na ES, os primeiros agentes intervenientes neste processo são, de modo mais particular, os pais e de forma mais abrangente a família, desde uma fase precoce do ciclo vital (Farias, 2002; Vilar, 2002).

Desde cedo, é no seio familiar, através das suas dinâmicas, do papel sócio-sexual, das relações entre cada elemento, das respostas verbais e comportamentais observadas, que as crianças crescem e se desenvolvem, tomam consciência do seu corpo, das diferenças individuais entre os sexos e, até mesmo de uma forma menos intencional, começam a interiorizar condutas comportamentais e morais relativas às relações interpessoais (Farias, 2002; Marques, 2000). São adquiridas as primeiras noções de sexualidade, amor e afecto, através das atitudes e comportamentos dos progenitores que nesta fase são vistos como modelos e considerados a primeira referência ao nível da sexualidade (Carvalho, 2008; Dias, et al, 2002).

De acordo com a literatura, várias investigações remetem para perspectivas e atitudes face à sexualidade, para a postura dos pais perante a ES, para os conhecimentos e saberes, dúvidas e contestações destes intervenientes (Byers, Sears, & Weaver, 2008), contrariamente ao que acontece no nosso país, pelo que importa tomar medidas para alterar esta realidade.

A Comunicação entre Pais e Filhos

Vários são os aspetos que podem ser considerados quando nos debatemos sobre a comunicação que é realizada em torno da educação sexual em contexto familiar.

Estudos referem que factores de cariz sociodemográfico dos pais podem influir na discussão sobre assuntos sexuais em termos de conteúdos e extensão da comunicação

com os seus filhos (Jerman & Constantine, 2010). Da mesma forma, Jaccard, Dodge e Dittus (2002, citado por Byers et al., 2008) sugerem que a influência de factores como as características da fonte de informação por eles recebida, as características dos destinatários da comunicação e do próprio contexto familiar, parece determinar a sua conduta comunicacional.

De acordo com Vilar (2002), apesar de ser cada vez mais visível uma maior abertura e disponibilidade por parte dos pais para discutir assuntos ligados à ES, dificilmente se pode afirmar que estas conversas ocorrem de forma aberta e livre de constrangimentos, sendo ainda muitas as reservas que se fazem sentir quando nos referimos à necessidade de abordar a temática da sexualidade desde os primeiros anos de vida.

A importância de uma comunicação que incida sobre o desenvolvimento e a sexualidade é reforçada pelos educadores (Byers et al., 2008) e pelas entidades médicas onde se incluem os próprios pediatras, encorajando os pais a discutir a sexualidade numa fase precoce da vida das crianças de uma forma consistente mas não impositiva, em consonância com as atitudes, os valores, as crenças pessoais e as circunstâncias familiares (American Academy of Pediatrics, Committee on Psychosocial Aspects of Child and Family Health and Committee on Adolescence, 2001).

Esta medida, pode possibilitar desde cedo a aquisição de conhecimentos fundamentais, o desenvolvimento de hábitos saudáveis e o esclarecimento de dúvidas, ao mesmo tempo que promove a aquisição de competências e o incremento de atitudes críticas e reflexivas, fundamentais para transpor vários preconceitos e ideias preconcebidas (Almeida & Centa, 2009).

Embora este ponto seja reforçado por diversos agentes, a investigação nesta área mostra que os pais tendem a evidenciar que as principais conversas ocorrem com os filhos mais velhos e portanto, numa fase mais avançada do seu desenvolvimento, em especial com o sexo feminino e não tanto com as crianças mais jovens e menos com os rapazes (Downie & Coates, 1999 citado por Byers et al., 2008). Esta conversa tardia pode também ser justificada pelas características dos sujeitos na fase correspondente à adolescência, uma vez que é nesta altura que os adolescentes tendem a despertar para os relacionamentos amorosos, apresentam uma maior curiosidade e também manifestam mais dúvidas ligadas à prática sexual e às relações afectivo-emocionais (Connolly, Craig, Goldberg, & Pepler, 2004).

Do mesmo modo, este é um período de maior vulnerabilidade sobretudo ao nível da saúde sexual e reprodutiva (Nair, Leena, & Paul, 2011), estando associada a elevadas taxas de IST's como é o caso da clamídia, gonorreia e à gravidez na adolescência (European Centre for Disease Prevention and Control, 2009). Talvez por isso, os pais considerem ser mais importante abordar este tema nesta fase do desenvolvimento (Byers et al., 2008).

Um outro aspecto que merece atenção no âmbito da ES disponibilizada pelos pais diz respeito à natureza dos tópicos seleccionados, emergindo como outro condicionante. Pela complexidade do tema, são inúmeros os tópicos que podem e merecem ser alvo de discussão, nomeadamente o desenvolvimento humano, os relacionamentos, as competências pessoais, o comportamento e a saúde sexual e a forma como a sociedade reflecte sobre a sexualidade (Beckett, Elliott, & Martino, 2010; National Guidelines Task Force, 2004), segundo as propostas para a intervenção educativa. Todavia, a

maioria dos pais, prefere focar aspectos de índole biológica comparativamente a tópicos de outra natureza, como questões de cariz mais pessoal e relacional (Nair et al., 2011).

Nair e colaboradores (2011) concluíram, ainda relativamente ao conteúdo e a extensão da comunicação entre pais e filhos adolescentes, que características como o conforto e o conhecimento que os pais percepcionavam possuir para abordar estas temáticas, estavam fortemente associado ao número de tópicos discutidos e ao conteúdo dos mesmos. De igual modo, Byers e colaboradores (2008), partindo dos dados recolhidos na sua investigação em torno de características parentais enquanto preditores da discussão de tópicos de ES com os filhos, revelaram que a qualidade, o encorajamento de questões e a extensão das comunicações eram tanto maiores quanto a percepção de conhecimento e conforto sobre o assunto.

Assim sendo, apesar de pais e professores reconhecerem a importância da educação sexual no contexto escolar apenas uma minoria efectivamente, discute de forma abrangente, tópicos ligados à sexualidade (Nair et al. 2011), o que vem reforçar a perspectiva de que as opiniões não estão consonantes com os comportamentos (Angera, Brookins-Fisher, & Inungu, 2008). Nos casos em que se observa um adiamento da discussão, esta talvez seja uma estratégia posta em prática pelos pais para ganhar confiança numa abordagem mais extensa ao longo do processo de amadurecimento dos filhos (Angera et al., 2008).

Parece ser consensual que quando os pais sentem possuir os conhecimentos que julgam necessários sobre este tema tendem a conversar mais com os filhos e de uma forma mais detalhada (Dilorio et al., 2000). De facto, em muitos casos, é reportado que uma das principais dificuldades sentidas pelos pais, à qual está indiscutivelmente associada uma tendência para abordar tópicos muito específicos, alude ao sentimento de

falta de conhecimento, competência e à-vontade para providenciar uma educação credível a este nível (Croft & Asmussen, 1992, cit. por Nair et al, 2011; Martino, Elliott, Corona, Kanouse, & Schouster, 2008). Estes tendem então a optar por conteúdos considerados seguros ligados ao desenvolvimento físico e às consequências negativas da prática sexual desprotegida (Miller, Kotchick, Dorsey, Forehand, & Ham, 1998 cit. por Martino, et al., 2008), evitando assuntos mais sensíveis como o prazer e as decisões nas relações sexuais (Gullamo-Ramos & Bourls, 2009). Quando os pais se referem a estes assuntos, fazem-no de um modo superficial e com pouco detalhe (Weaver, Byers, Sears, Cohen, & Randall, 2002).

De acordo com o estudo realizado por Nair e colaboradores (2011), os pais apresentam-se algo renitentes e pouco confiantes a abordar assuntos como a masturbação, o namoro, o sexo seguro, a contraceção, a gravidez e aborto, preferindo uma abordagem mais generalista sobre aspectos de ordem física, contrariando a visão dos professores que considera essencial a introdução destes tópicos e de muitos outros no currículo, à excepção do tema da interrupção voluntária da gravidez (Nair et al., 2011). Neste sentido, os pais e os adolescentes (participantes no estudo acima referido) consideraram a comunicação entre pais e filhos insuficiente.

Um outro estudo realizado junto de adolescentes na tentativa de compreender a sua percepção sobre a influência dos pais nos seus comportamentos sexuais, aponta vários factores que influenciam a qualidade da relação entre pais e filhos, entre os quais podem ser referidos a falta de comunicação ou a comunicação deficiente pela escassez de informação e de conhecimentos sobre o tema. Outros aspectos como o ambiente familiar conflituoso e o estilo parental autoritário o qual reflecte baixa confiança e autonomia nos filhos, e a fraca monitorização dos pais são indicados como factores de

risco na conduta comportamental relativa à sexualidade (Dias, Gaspar de Matos, & Gonçalves, 2007).

Já quando os adolescentes percebem a relação com os seus pais de forma positiva, satisfatória, com base no amor e onde ocorre um diálogo aberto e encorajador, há uma tendência para evidenciar uma menor predisposição para a iniciação precoce dos relacionamentos sexuais a fazer uso dos métodos contraceptivos de forma mais consistente e a ter menos parceiros sexuais (Dias & Rodrigues, 2009).

É portanto pertinente que a comunicação ocorra de forma mais profunda, continuada, e adequada às necessidades do adolescente (Gullamo-Ramos & Bourls, 2009; Martino et al., 2008).

No estudo conduzido por Almeida e Centa (2009) expõe-se, concretamente neste domínio da comunicação, que os pais consideram importante uma abordagem franca e natural na discussão da sexualidade, sentindo inclusive que este tipo de atitude, possibilita o fortalecimento das relações com os seus filhos, facilita o diálogo e a reflexão sobre a importância do tema e permite estabelecer os limites necessários. Mencionam contudo, algumas lacunas em termos de competências comunicacionais, falta de coragem e constrangimento que resulta em parte, do sentimento de desinteresse e falta de atenção dos filhos nas conversas que tentam estabelecer, os quais afirmam receber junto dos amigos uma maior influência.

Embora seja uma importante fonte de informação, de facto, é mais frequente os jovens recorrerem a outras pessoas que não os pais para falar sobre este tema. Os jovens procuram apoio e conversam muito mais com os seus pares, comparativamente ao que conversam com os seus pais e professores, evidenciando pouco à-vontade para dialogar

sobre questões ligadas à ES com estes dois últimos agentes (Dias & Rodrigues, 2009; Ramiro, Reis, Gaspar, Diniz, & Simões, 2011).

Influência das características parentais na comunicação com os filhos

Para além do conhecimento e do conforto percebido pelos pais como importantes para debater assuntos ligados à ES, outros factores como o sexo, a idade, o nível de formação académica, o ambiente sócio-cultural envolvente e a educação sexual recebida pelos próprios pais devem também ser considerados (Jerman & Constantine, 2010; Vilar, 2002; Weaver et al., 2002).

Relativamente ao sexo, as mães parecem tomar a iniciativa mais vezes nas conversas com os filhos comparativamente aos pais, focam temas mais específicos e revelam-se mais disponíveis para conversar o que talvez possa ser explicado pelo tempo que passam com os filhos, sendo mais fácil estabelecer relações de maior proximidade e partilha (Angera et al., 2008).

Em termos de formação académica, pais com um nível mais elevado de instrução, percebem uma maior qualidade na educação sexual que disponibilizam aos seus filhos. Da mesma forma, pais e mães mais velhos e pais com formação académica mais elevada, referem encorajar os seus filhos a colocar questões sobre sexualidade com mais frequência do que pais mais novos e com formação académica mais baixa (Byers et al., 2008).

Em relação ao meio sócio-cultural de uma maneira geral, os pais são favoráveis à introdução da ES na escola, quer sejam residentes em meio rural ou urbano (Weaver et al., 2002). Dados recolhidos junto de adolescentes demonstram a existência de diferenças nos conhecimentos e interesses sobre a sexualidade, com maior interesse e

procura de informações pelos residentes em meios rurais face aos adolescentes de meios urbanos (Romero, Medeiros, Vitale, & Wehba, 2007; Rosa & Marques, 2012).

No que diz respeito à ES recebida, os pais declararam que em parte, a educação sexual que receberam dos seus próprios pais apresentou-se como pouco esclarecedora e quase inexistente o que consideram dificultar a sua atitude perante a comunicação e transmissão de conhecimentos e valores aos filhos (Almeida & Centa, 2009). No entanto, reconhecendo esta dificuldade, procuram muitas vezes melhorar a sua postura, e oferecem aos filhos uma ES de melhor qualidade face à que receberam, especialmente ao acompanharem o emergir da sexualidade junto dos filhos adolescentes (Dias & Gomes, 1999). Segundo Benincá (1994, cit. por Dias & Gomes, 1999), de certa forma esta questão é ilustrativa das transformações sociais que ocorrem em torno das dinâmicas familiares e que obrigam a abordagens mais interventivas.

Em concordância, pais que se sentem satisfeitos com a ES recebida mas que gostariam de ver um maior número de tópicos abordados, estão mais disponíveis para conversar com os filhos de uma forma mais abrangente, embora prefiram abordar a componente biológica da sexualidade (Weaver et al., 2008).

Perspectiva parental sobre a importância da Educação Sexual

Apesar da ausência de conhecimento em torno dos conteúdos e das finalidades dos programas de Educação Sexual desenvolvidos para as escolas, podendo gerar dúvidas, visíveis no distanciamento existente entre a escola e os pais (Marques, 2000), a literatura sugere que os pais tendem a apoiar e a considerar relevante a intervenção da escola neste campo educativo (Weaver et al., 2002).

Contrariamente ao que muitas vezes faz parecer e, em oposição à opinião geral e aos receios dos próprios professores em receber repressões e manifestações negativas dos pais face à implementação de medidas de educação para a sexualidade na escola (Anastácio, 2009), os pais reconhecem a importância da ES na vida dos seus filhos, no sentido em que exerce uma função sobre a tomada de decisão consciente na actividade sexual (Angera et al., 2008). A escola tem um importante valor na formação das crianças e jovens o que no âmbito da educação sexual não é excepção, pelo que os pais manifestam-se favoravelmente à leccionação da ES, considerando esta instituição como um aliado na transmissão de conhecimentos e valores (Almeida & Centa, 2009) e alegam inclusivamente precisar de ajuda para comentar muitas questões relacionadas com o tema (Gullamo-Ramos & Bourls, 2009).

Outro dado que fortalece a óptica positiva da ES na escola, encontra-se a acção que a própria escola pode exercer sobre a atitude dos pais face à visão sobre a sexualidade Byers e colaboradores (2008) referem que quando a ES é percebida pelos pais como um aspecto significativamente importante e positivo, estes tendem a providenciar ES com mais qualidade, encorajando um debate aberto com os seus filhos sobre tópicos diversificados.

Objectivos e Questões de Investigação

Na tentativa de dar respostas à lacuna existente na literatura em torno do desconhecimento das perspectivas parentais relativamente à Educação Sexual em meio escolar e contribuir para a expansão do quadro teórico aqui apresentado, em especial no que diz respeito ao panorama português, estabelece-se como objectivo central desta investigação conhecer tais perspectivas, em termos de atitudes face ao tema,

importância e pertinência da inclusão no currículo de tópicos específicos de ES. Da mesma forma, é do nosso interesse compreender que características dos pais podem encontrar-se associadas ao tipo de comunicação realizada com os filhos e conseqüentemente ao seu desempenho na educação prestada sobre a ES.

Assim, pretendemos averiguar a relação entre um conjunto de variáveis sociodemográficas, o conhecimento, o conforto e as variáveis ligadas à ES recebida pelos pais e:

QI.1 As atitudes face à ES;

QI.2 A importância atribuída aos vários temas de ES;

QI.3 Os níveis de escolaridade preferenciais para a introdução de vários tópicos de ES;

QI.4 A qualidade, encorajamento e extensão da comunicação sobre ES;

QI.5 A fase de desenvolvimento preferencial para os pais abordarem a sexualidade com os filhos;

Procuramos igualmente verificar:

QI.6 A relação existente entre a importância atribuída à ES e a qualidade, encorajamento e extensão da comunicação com os filhos;

QI.7 A extensão da comunicação realizada sobre tópicos específicos de ES em função do nível de escolaridade dos filhos;

QI. 8 A relação entre a ES recebida pelos pais e um conjunto de variáveis sociodemográficas, o conhecimento e o conforto.

Capítulo 2 – Método

A Metodologia quantitativa e qualitativa

As metodologias quantitativas utilizadas pretenderam alcançar uma descrição ou explicação dos fenómenos, através de técnicas e procedimentos rigorosos e objectivos usados para a testagem de hipóteses, e a verificação de relações entre determinadas entidades pertinentes e conceitos (Bryman, 1984; Esteves, 2006; Maroco, 2006) e procuram operacionalizar definições que permitissem a replicação da investigação (Bryman, 1984).

O presente estudo, enquanto estudo correlacional enquadra-se no âmbito desta metodologia quantitativa (Almeida & Freire, 2008; Maroco, 2006), pelo que pretende encontrar e analisar relações possíveis entre variáveis e determinar o grau das relações, sem no entanto, recorrer à manipulação de variáveis ou estabelecer relações de causalidade (Coutinho, 2008).

Por outro lado, as metodologias qualitativas procuram sobretudo a interpretação, a compreensão ou a descrição dos fenómenos (Bryman, 1984; Esteves, 2006), actuando através de procedimentos diversos. Um dos procedimentos que se enquadram na metodologia de investigação qualitativa frequentemente utilizada e à qual se recorreu nesta investigação é a técnica de análise de conteúdo. Na perspectiva de Berelson, a análise de conteúdo é definida como uma técnica que tem por finalidade a descrição objectiva e sistematizada do conteúdo manifesto da comunicação (1954, cit. por Bardin, 2009). Este tipo de análise pode ser utilizado em diversos tipos de comunicações (imagem, filme ou texto) ou empregue quando se tem à disposição informação proveniente de entrevistas ou questões de resposta aberta presentes em questionários,

sendo necessário a interpretação do conteúdo verbal expresso pelos participantes envolvidos (Bardin, 2009). Assim, é possível realizar inferências que permitem uma interpretação do conteúdo das mensagens e a utilização sistemática das informações de acordo com o pretendido (Amado, 2000; Esteves, 2006).

Este procedimento pode apoiar-se em métodos de análises temáticas, formais e estruturais. Este estudo fundamenta-se numa análise categorial ou temática, entendida como uma simplificação e classificação de dados identificados pelo seu interesse para o cumprimento dos propósitos da investigação, a qual permite a reconfiguração do material de trabalho (Esteves, 2006). Por via de um processo de codificação recorre-se, então, à criação de categorias ou temas, grupos ou classes de título genérico que possam ser representativas de elementos, designados por unidades de registo, presentes no discurso e que possuam características semelhantes. Os agrupamentos realizados podem surgir de um sistema categorial previamente definido ou por outro lado emergir de uma classificação progressiva do conteúdo.

A literatura sugere que para uma categorização válida, devem ser consideradas características como: a) *a exclusão mútua* (a presença de um elemento num grupo exclui a possibilidade de inclusão num outro); b) *a homogeneidade* (deve considerar-se apenas uma dimensão em análise, seguindo um único princípio de classificação); c) *a pertinência* (estabelecimento de categorias adaptadas ao material disponível e ao quadro teórico em que se baseia); d) *a objectividade e a fidelidade* (as categorias devem ser objectivamente definidas e passivas de codificação semelhante independentemente do codificador) e, finalmente e) *a produtividade* (permitindo efectivamente a realização de inferências) (Bardin, 2009).

Pelo contributo e riqueza que os procedimentos envolvidos nestas metodologias concedem, ainda que sujeitas aos seus próprios limites, o recurso a ambas surge como um complemento essencial (Esteves, 2006).

Sendo cada vez mais frequente em investigação, o uso de metodologias mistas em investigação oferece múltiplas vantagens entre as quais se destacam a consistência, uma maior riqueza e a clarificação dos resultados alcançados, disponibilizando uma ampla e válida compreensão dos fenómenos através da triangulação de informação adquirida fruto das potencialidades da metodologia quantitativa e qualitativa (Hasse-Biber, 2010).

Uma vez clarificada, do ponto de vista teórico, a metodologia utilizada no presente estudo, segue-se a identificação dos participantes da amostra, a descrição do instrumento utilizado e dos procedimentos envolvidos na recolha e tratamento dos dados.

Participantes

O estudo envolveu a participação de 222 pais pertencentes a associações de pais de diversas regiões do país, cujos filhos se encontravam a frequentar entre o Jardim-de-Infância e o Ensino Secundário.

O Instrumento

O questionário de auto-relato intitulado "Questionário de Perspectivas Parentais sobre Educação Sexual" é uma adaptação da versão original desenvolvida por uma equipa de investigadoras, Sandra Byers, Heather Sears e Angela Weaver (2002), da Universidade de New Brunswick, no Canadá, as quais facultaram a devida autorização para a sua utilização. O questionário foi traduzido e adaptado para a língua portuguesa,

a partir da tradução e adaptação realizada para a mesma versão do questionário para professores (Alvarez & Marques-Pinto, no prelo) (Questionário em Anexo I.1).

O questionário é composto por 5 partes em formato de resposta fechada e 1 parte final, em formato de resposta aberta.

A Parte A apresenta itens onde se atende a aspectos gerais como as atitudes globais dos pais sobre a ES, mais especificamente se esta deve ocorrer nas escolas e se a responsabilidade deve ser partilhada entre pais e escola (numa escala de 5 pontos de 1, discordo muito, a 5 concordo muito), em que nível de ensino deve ser iniciada a ES apropriada à idade e desenvolvimento da criança ou jovem (entre infantil-3.º ano, 4.º-5.º ano, 6.º-8.º ano, 9.º-12.º ano ou não deve haver ES nas escolas) e a qualidade da ES ministrada na escola que os filhos frequentam (numa escala de 7 pontos de 1, não recebeu ES na escola, a 7 excelente).

Na Parte B solicitou-se aos pais a indicação do grau de importância da integração de 12 tópicos amplos no currículo de ES, através da utilização de uma escala de 5 pontos que variou entre nada importante (1) a extremamente importante (5). À lista do estudo original foram acrescentados três novos tópicos resultantes do *feedback* recolhido junto do conjunto de 4 pais na fase inicial do estudo e considerando a análise dos conteúdos que devem fazer parte do currículo português. Assim, os tópicos em que houve alteração da designação foram: “Vários tipos de família”, “diversidade e género” e “competências emocionais e relacionais nos relacionamentos íntimos”. Foi ainda retirado um tópico à lista original, “segurança pessoal”, por este estar incluído, em nosso entender, na prevenção de aproximações abusivas.

A Parte C apresenta uma lista mais pormenorizada de 29 tópicos em ES, onde os pais deveriam manifestar-se sobre o nível de escolaridade em que cada tópico devia

abordado nas escolas, partindo de cinco categorias de resposta (entre infantil-3.º ano, 4.º-5.º ano, 6.º-8.º ano, 9.º-12.º ano ou ainda se o tópico não devia ser incluído). À lista original de 26 tópicos foram acrescentados 4 tópicos específicos e retirado 1 tópico, relativo à “segurança pessoal”. Os tópicos incluídos foram a “interrupção voluntária da gravidez”, a “primeira relação sexual”, a “ligação entre a sexualidade e um projecto de vida que integra valores” e o “género e diversidade”. Foi ainda realizada uma alteração no tópico “Construção de relações românticas igualitárias” passando a designar-se “Construção de relacionamentos amorosos igualitários” decorrente da informação e sugestão disponibilizada nas entrevistas iniciais realizadas aos pais, conferindo, desta forma, na opinião dos mesmos, uma compreensão mais clara do significado deste último tópico.

A Parte D inclui itens relativos ao nível de escolaridade do(s) filho(s) e à ES que os pais disponibilizam em casa, solicitando informações em torno do seu desempenho no que diz respeito à comunicação com os filhos considerando uma escala de 5 pontos (entre excelente (1) a fraco (5)). Inclui-se ainda dois itens sobre o conhecimento adequado e conforto que consideram ter e dizem sentir como adequado para discutirem assuntos associados a ES, numa escala de 5 pontos variando entre concordo muito e discordo muito, e um outro item sobre o incentivo ao questionamento por parte dos filhos sobre a sexualidade variando entre nunca (1) e muitas vezes (5). Os pais pronunciaram-se ainda sobre quais os tópicos da lista de 12, presente na parte B do questionário, já tinham sido abordados com os seus filhos e a profundidade com que o fizeram partindo de uma escala de 4 pontos, nunca (1), apenas em termos gerais (2), com alguns detalhes (3), aprofundadamente (4). Para esta questão, deveria considerar

sua actuação para com o filho mais velho, estando por isso igualmente inseridos itens referente à escolaridade e sexo dos filhos.

A Parte E diz respeito a itens relativos à informação sociodemográfica relativa ao sexo, idade, formação académica e zona de residência (aldeia, vila, cidade).

Incluem-se ainda itens sobre experiências de vida que podem influenciar atitudes perante a ES, nomeadamente no que concerne à satisfação e abrangência da educação recebida dos seus próprios pais, devendo expressar-se a partir de uma escala de 5 pontos que variou entre concordo muito (1) e discordo muito (5), e ainda em função das fontes de informação que se mostraram influentes nas suas atitudes em termos de importância, tendo como base a escala: nada importante (1), algo importante (2), importante (3), muito importante (4), extremamente importante (5).

Comparativamente à versão canadiana do questionário, foram introduzidos itens relativos ao número de filhos do participante e ao sexo dos mesmos, considerando-se alguns dados recolhidos nas entrevistas iniciais, concretamente no que diz respeito à conduta diferenciada dos mesmos relativamente aos filhos de diferentes sexos e idades.

Da Parte F constaram 3 questões de resposta aberta, onde foi possível registar opiniões, críticas e sugestões sobre a ES em meio escolar, aspectos que poderiam melhorar e apoiar a ES dispensada em casa e uma questão final sobre o interesse em participar numa formação para pais, solicitando a identificação dos tópicos que considerariam pertinentes serem abordados na mesma.

Procedimento

Numa fase inicial do estudo, procedeu-se à tradução do questionário e à elaboração de uma carta de apresentação da investigação (Anexo II.1) destinada ao

envio a potenciais participantes. Seguidamente, submeteu-se o projecto de investigação (RAPI) à Comissão de Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, tendo sido concedida aprovação.

Com o objectivo de averiguar a adequação da tradução realizada solicitou-se, a uma amostra de conveniência de 4 pais, contactados por *e-mail*, o preenchimento do instrumento e posterior realização de uma breve entrevista semi-estruturada (Guião de entrevista em Anexo III.1). A partir das informações e sugestões disponibilizadas, efectuaram-se as alterações que se mostraram necessárias, tendo as mesmas incidido apenas sobre a designação de alguns tópicos, não tendo ocorrido alterações na estrutura global do questionário. Após esta fase, o questionário foi colocado num *software on-line* para o preenchimento, realizando-se a recolha de dados durante os meses de Março a Maio de 2012.

Foi garantida a confidencialidade e o anonimato das respostas e salientado o facto do sítio da internet onde o questionário se encontrava alojado não controlar o IP dos utilizadores. A intenção da participação na investigação por parte dos inquiridos foi requerida na parte inicial do questionário, informando sobre os objectivos gerais do estudo, contando assim com o consentimento informado por parte dos mesmos. Foi ainda deixado o contacto da investigadora para qualquer esclarecimento adicional que se mostrasse necessário.

Os potenciais participantes foram contactados através de associações de pais aos quais se encontravam vinculados, por *e-mail*, recebendo a carta de apresentação da investigação e o respectivo *link* para aceder ao questionário, solicitando a participação no estudo.

Como critério para a selecção das associações de pais a contactar foi definido o envio a cerca de 10 a 15% das associações de uma lista disponível no *site* do Ministério da Educação (<http://www.associacaopais.sg.min-edu.pt/>) onde constavam todas as associações de pais actualmente existentes nos distritos de Portugal Continental. Relativamente às regiões Autónomas da Madeira e dos Açores, devido ao facto de não constarem desta lista, foram consultados os *sites* da Secretaria Regional de Educação de ambos os arquipélagos, utilizando-se uma lista específica de associações de pais ou de listas de escolas.

Para a selecção aleatória das associações, recorreu-se ao *site* <http://www.random.org/> obtendo-se 2 a 3 contactos por página para cada distrito. Todos os distritos foram abrangidos, tendo sido o número de contactos realizados variável em função do número total de associações de que dispunham. Foram contactadas no total, cerca de 340 associações de todo de todo o país.

No que se refere aos contactos das regiões autónomas, uma vez que o número destas associações se apresentou mais reduzido, optou-se por contactar todas as associações que possuíam endereço de *e-mail* disponível, perfazendo um total de 15 das quais 8 e 7 da Região Autónoma da Madeira e dos Açores, respectivamente.

Procedeu-se igualmente ao envio pontual de *e-mails* a contactos pessoais numa estratégia de bola de neve.

Procedimentos de Análise

Considerando-se os propósitos da investigação, levou-se a cabo uma análise fundamentalmente quantitativa, através da análise descritiva, correlacional e inferencial dos dados. Foi igualmente realizada uma análise qualitativa, através da análise de conteúdo para as questões de resposta aberta do questionário.

Os dados de carácter quantitativo, foram analisados por um *software* estatístico (SPSS, versão 19). Recorreu-se à análise de frequências em torno das atitudes, médias e a mediana para o grau de importância de diversos tópicos, considerando-se também os valores percentuais para os níveis de escolaridade em que devem iniciar-se os tópicos de ES. Recorreu-se à estatística inferencial para determinar relações entre as variáveis consideradas pertinentes pelo uso da Análise da Variância, ANOVAs e MANOVAs e da Regressão Linear Múltipla procurando identificar possíveis preditores associados à qualidade da ES, ao encorajamento de questões e à extensão da comunicação disponibilizada em casa.

Relativamente às questões de resposta aberta dos participantes, procedeu-se a uma análise categorial. Da referida análise emergiram 7 categorias centrais a saber: Currículo de ES, o Papel do Professor, Fonte de informação preferencial, o Apoio na ES prestada em casa, Tópicos de interesse a ver debatidos, Considerações sobre ES, e Outros, estando algumas delas divididas em subcategorias, nos casos em que se considerou informativo tal especificação.

Por questões de validação, foi realizada a operacionalização das categorias, tendo-se posteriormente recorrido à técnica de acordo entre avaliadores/juízes (Esteves, 2006). Este procedimento recorre a juízes ou codificadores de modo a permitir a obtenção do seu grau de concordância usando um mesmo sistema de categorização para avaliar um determinado material¹.

¹ Fórmula para o cálculo do acordo inter-juizes, de acordo com Esteves (2006).
Onde: F – índice de fidelidade; Ta – Total de acordo; Td – Total de desacordos.

$$F = \frac{T_a}{T_a - T_d}$$

O acordo entre os juízes pode ser considerado satisfatório a partir de 80% das unidades de registo codificadas (Vala, 1986 cit. por Amado, 2000).

Assim sendo, as respostas a codificar, foram aleatoriamente selecionadas, num total de cerca de 30, equivalentes a 10% do total de respostas obtidas. Aos 2 juízes foi disponibilizado o sistema de categorias criado e o conjunto de respostas. Após uma primeira codificação por parte de ambos, foi realizada uma reunião de forma a resolver alguns desacordos evidenciados pelos juízes, seguindo-se uma reestruturação nas categorias em que tal se mostrou necessário. Uma nova codificação na sequência das alterações realizadas permitiu obter um acordo de 82% no índice de fidelidade (Sistema de categorias em Anexo IV.1) realizando-se em seguida a contabilização de frequências das unidades de registo de todas as respostas, expressas em percentagem (Anexo IV.2).

Capítulo III – Apresentação dos Resultados

Neste estudo participaram 222 participantes, tendo sido obtidos dados sociodemográficos de 172 participantes.

Dos 172 participantes, 114 foram do sexo feminino (66.3%) e 58 do sexo masculino (33.7%). Quanto à idade, 3 participantes tinham menos de 30 anos (1.7%), 74 tinham idades compreendidas entre 30 e 39 anos (43%), 79 tinham entre 40 e 49 anos (46%) e 16 tinham 50 anos ou mais (9.3%).

Relativamente ao número de filhos, 48 participantes tinham apenas um filho (27.9%), 87 tinham dois filhos (50.6%) e 37 tinham 3 ou mais filhos (21.5%), sendo que no que diz respeito ao sexo dos mesmos, 50 participantes tinham filhos exclusivamente do sexo feminino ou exclusivamente do sexo masculino (29.1% para os dois casos), e 72 tinham filhos do sexo feminino e masculino (41.9%).

Em termos de formação académica, 9 tinham o Ensino Básico (5.2%), 37 tinham o Ensino Secundário (21.5%), 6 tinham o Ensino Profissional (3.5%), 14 tinham o Bacharelato com 3 anos de Ensino Superior (8.1%) e 106 tinham completado a Licenciatura com 5 anos de Ensino Superior (61.6%).

Os participantes eram sobretudo residentes em zonas urbanas (57.7%), e oriundos do Centro Litoral do país (34.3%, correspondente a 59 pais), sendo que 35 participantes provinham da região Norte (15.7% e 4.7% respeitantes à região Norte Litoral e Norte Interior, respectivamente), 27 foram provenientes das Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores (15.7%), 21 provenientes da região Centro Interior (12.2%) e 30 participantes da região Sul (12.2% e 5.2 % das regiões Sul Litoral e Sul Interior, respectivamente).

Atitudes perante a Educação Sexual

Relativamente às atitudes parentais face à Educação Sexual (ES), mais concretamente quanto à introdução ES enquanto temática a ser abordada nas escolas, 90.1% apoia esta medida, dos quais 56.8% concorda e 33.3% concorda muito. No entanto, sensivelmente 5% dos pais referiu não concordar com a introdução da ES no currículo escolar. Por outro lado, 95% dos pais considerou dever a ES ser uma responsabilidade partilhada pela escola e pelos pais, tendo 50% dos pais concordado muito e 45% apenas concordado.

Os pais consideraram que o nível de escolaridade para o início da ES devia ocorrer entre o Jardim-de-Infância e o 3.º ano (32.4%, $M = 2.21$, $DP = 1.06$). Cerca de 27% considerou a melhor altura entre o 4.º e o 5.º anos, 29.3% entre o 6.º e o 8.º anos, e 9.5% apoiou a introdução apenas a partir do Ensino Secundário (entre o 9.º e o 12.º ano). Apenas 1.8% dos pais se opôs à introdução da ES no currículo escolar.

De forma a compreender quais as características parentais que se encontravam associadas às atitudes referidas sobre Educação Sexual, foi realizada uma Análise de Variância Múltipla (MANOVA). Relacionou-se as variáveis sociodemográficas relativas ao sexo e idade dos pais, sexo dos filhos, formação académica, localidade e região do país, conhecimento e conforto para abordar ES com os filhos e ainda variáveis ligadas à ES recebida dos próprios pais (satisfação e desejo de uma abordagem mais abrangente) com as atitudes face à introdução da ES no currículo escolar, o dever ser uma responsabilidade partilhada com os pais e ao nível de escolaridade em que deve ser iniciada.

O sexo dos pais, Traço de Pillai = .095, $F(3, 136) = 4.73$, $p = .004$, $\eta_p^2 = .095$ e o conforto para abordar a ES com os filhos, Traço de Pillai = .157, $F(12, 414) = 1.90$, $p =$

.032, $\eta_p^2 = .052$ revelaram-se significativos para as atitudes partilhadas. A formação académica, Traço de Pillai = .136, $F(12, 414) = 1.64$, $p = .079$, $\eta_p^2 = .045$, revelou-se marginalmente significativa.

O sexo dos pais $F(1,172) = 10.22$, $p = .002$ e a formação académica $F(4,172) = 4.08$, $p = .004$, mostraram uma relação com as atitudes relativas ao nível de escolaridade para o início da ES na escola. Destaca-se que os participantes do sexo feminino foram particularmente favoráveis ao início precoce da ES na escola ($M_{fem} = 2.53$, $DP = .30$, $M_{mas} = 3.07$, $DP = .32$) e quanto mais elevada foi a formação dos pais ($M_{elevada} = 2.37$, $DP = .33$, $M_{baixa} = 3.32$, $DP = .46$) mais estes defenderam o início precoce da ES na escola.

O conforto, encontrou-se marginalmente significativo quer com a atitude favorável à Educação Sexual ser proporcionada nas escolas $F(4,172) = 2.193$, $p = .073$, quer com o nível de escolaridade para o início da ES, $F(4,172) = 2.27$, $p = .065$. Assim sendo, pais com menor conforto defenderam mais a introdução da ES nas escolas ($M_{>conforto} = 2.00$, $M_{<conforto} = 1.79$) e pais com maior conforto, defenderam a introdução da ES mais cedo no currículo escolar ($M_{>conforto} = 2.64$, $M_{<conforto} = 2.95$).

De acordo com a visão dos pais, a qualidade da ES recebida na escola pelos filhos foi razoável (25.2%). Apenas 0.9% considerou a ES recebida pelos filhos como excelente, 6.8% como muito boa e 17.6% como boa. Porém, 12.6% referiu uma má qualidade na ES recebida e 14.4% afirmou não saber. Apesar dos resultados, cerca de 50 participantes (22.5%) declarou que os seus filhos não receberam ES na escola.

A importância atribuída aos tópicos de Educação Sexual

A importância que os pais atribuem a um conjunto de 12 tópicos de ES (referentes à parte B do questionário) foi verificada através dos valores médios e das medianas

correspondentes, expressas na Tabela 3.1, os quais são apresentados por ordem decrescente de importância. Os pais consideraram todos os tópicos como importantes, sendo extremamente importantes tópicos referentes às “Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST’s)”, ao “Abuso sexual e Prevenção de aproximações abusivas” e à “Contraceção e práticas sexuais seguras”, com uma mediana de 5. A “Abstinência” foi o tópico com menor mediana (valor igual a 3), considerado, assim, o menos importante.

Tabela 3.1. Média e mediana da importância atribuída aos tópicos que devem fazer parte do currículo de ES (por ordem decrescente de importância)

Tópicos	Média	Mediana
Infecções Sexualmente Transmissíveis	4.59	5
Abuso sexual e prevenção de aproximações abusivas	4.48	5
Contraceção e práticas sexuais seguras	4.44	5
Tomada de decisão sexuais nos relacionamentos	4.20	4.5
Reprodução	4.18	4
Competências emocionais e relacionais nos relacionamentos íntimos	4.11	4
Puberdade	4.10	4
Género e diversidade	3.86	4
Conhecer vocabulário correcto para falar sobre os órgãos genitais e práticas sexuais	3.82	4
Vários tipos de família	3.78	4
Prazer e satisfação sexual	3.60	4
Abstinência	3.43	3

Nota: Escala de respostas: 1 – Nada importante, 2 – Algo importante, 3 – Importante, 4 – Muito importante, 5 – Extremamente importante. *N* entre 209 e 210.

Os tópicos referidos foram agrupados em 6 categorias de acordo com a proposta das linhas orientadoras da perspectiva abrangente da ES (NGTF, 2004). A Tabela 3.2 ilustra a organização dos tópicos por categoria, por ordem decrescente de importância de acordo com as suas médias e medianas. A categoria Saúde Sexual obteve a mediana mais elevada, seguindo-se as categorias Desenvolvimento Humano, Competências Pessoais e Relações. A categoria com valores mais baixos refere-se ao Comportamento Sexual.

Tabela 3.2. Média e mediana da importância atribuída às categorias abrangentes que devem fazer parte do currículo de ES

Categorias	Média	Mediana
Saúde Sexual (IST's, Abuso Sexual, Contraceção)	4.50	5
Desenvolvimento Humano (Puberdade, Reprodução)	4.14	4
Competências Pessoais (Vocabulário, Tomada de decisões sexuais)	4.01	4
Relações (Competências emocionais e relacionais, Vários tipos de família).	3.95	4
Sociedade e Cultura (Género e diversidade)	3.86	4
Comportamento Sexual (Prazer e satisfação sexual, Abstinência)	3.52	3.5

Nota: Escala de respostas: 1 – Nada importante, 2 – Algo importante, 3 – Importante, 4 – Muito importante, 5 – Extremamente importante. *N* entre 209 e 210.

A MANOVA realizada, examinou as 6 categorias representativas da importância atribuída à ES com as variáveis sociodemográficas sexo e idade dos pais, sexo dos filhos, formação académica, localidade e região do país, conhecimento e conforto para abordar ES com os filhos e ainda a ES recebida dos próprios pais (satisfação e desejo de uma abordagem mais abrangente), tal como efectuado com as atitudes face à ES. Em nenhuma das variáveis foi verificada significância com as categorias atrás mencionadas.

Nível de escolaridade preferencial para a introdução da Educação Sexual

Os pais consideraram que o nível de escolaridade preferencial para a introdução da Educação Sexual no currículo seria entre o Jardim-de-Infância e o 3.º ano. Da Tabela 3.3 consta a distribuição dos valores de mediana e percentagens correspondentes a cada um dos 29 tópicos listados (correspondentes à parte C do questionário).

A observação da tabela permite concluir, através dos valores da mediana, que, na perspectiva parental, o nível de escolaridade mais precoce para a introdução de tópicos específicos de ES refere-se ao 4.º e 5.º ano, mas para apenas um tópico “Imagem corporal” (3.5%).

Tabela 3.3. Mediana e Percentagens para os Níveis de Escolaridade em que devem iniciar-se os diferentes tópicos de ES

Tópicos	Nível de Escolaridade	%					Não incluir
		1-3°	4°-5°	6°-8°	9°12°		
Imagem corporal	4°-5°	39.8	28.0	23.1	8.1	1.1	
Puberdade	6°-8°	2.7	12.9	46.2	36.6	1.6	
Conhecer vocabulário correcto para falar sobre os órgãos genitais e práticas sexuais	6°-8°	21.0	28.5	31.7	16.7	2.2	
Menstruação	6°-8°	3.2	18.8	33.3	43.0	1.6	
Reprodução e nascimento	6°-8°	12.9	25.3	29.6	31.2	1.1	
Infecções sexualmente transmissíveis/SIDA	6°-8°	1.1	9.1	39.8	47.8	2.2	
Abuso sexual e prevenção de aproximações abusivas	6°-8°	11.3	18.3	42.5	26.3	1.6	
Atração, amor e intimidade	6°-8°	3.2	8.6	39.8	43.5	4.8	
Comunicação sobre questões sexuais	6°-8°	5.4	14.0	39.8	38.2	2.7	
Estar confortável com o outro sexo	6°-8°	9.1	12.4	37.6	36.6	4.3	
Género e diversidade	6°-8°	9,1	12,9	37,6	36,0	4,3	
Sonhos húmidos	9°12°	0.5	6.5	35.5	45.7	11.8	
Contraceção e práticas sexuais seguras	9°12°	0	6.5	29.6	60.8	3.2	
Abstinência	9°12°	1.1	3.8	29.6	55.9	9.6	
Gravidez adolescente/ Parentalidade	9°12°	1.1	5.9	32.3	58.6	2.2	
Interrupção Voluntária da Gravidez	9°12°	0	3.2	20.4	62.9	13.4	
Construção de relações românticas igualitárias	9°12°	4.3	8.1	29.0	52.7	5.9	
Homossexualidade	9°-12°	5.4	8.6	35.5	44.1	6.5	
A 1ª relação sexual	9°12°	0	5.4	24.2	62.9	7.5	
Lidar com a pressão dos pares para ser sexualmente activo	9°12°	0	5.4	28.0	59.1	7.5	
Masturbação	9°12°	0.5	4.8	29.0	57.5	8.1	
Comportamento sexual (e.g. beijos profundos, relações sexuais)	9°12°	0.5	6.5	26.5	56.2	10.3	
Sexo como parte de uma relação amorosa	9°12°	0.5	5.4	27.4	59.1	7.5	
Prazer sexual e orgasmo	9°12°	0	2.2	18.8	66.7	12.4	
Problemas e preocupações sexuais	9°12°	0.5	4.8	24.7	62.9	7.0	
Sexualidade nos <i>media</i>	9°12°	1.1	7.5	31.5	51.1	8.6	
Pornografia	9°12°	0	3,2	26,9	47,8	22,0	
Prostituição adolescente	9°12°	0	4,8	22,0	59,7	13,4	
Ligação entre sexualidade e um projecto de vida que integra valores	9°12°	2,7	8,1	33,9	52,7	2,7	

N = 186

Dez tópicos foram apontados como devendo ser preferencialmente abordados a partir do 6° e 8° anos, correspondente a 34.5% das respostas, com tópicos como “Puberdade” e “Abuso sexual e prevenção de aproximações abusivas” e 18 tópicos a

partir do 9º e 12º anos (62.07%), sendo exemplos os tópicos “Sonhos húmidos”, “Problemas Sexuais”, “Prazer sexual e orgasmo”, “Primeira relação sexual” entre outros.

Nenhum tópico obteve uma percentagem significativamente elevada para ser excluído do currículo. Porém, são exemplos de tópicos menos adequados à inclusão no currículo os alusivos à “Pornografia”, à “Prostituição adolescente”, à “Interrupção voluntária da gravidez” (22%, 13.4% e 13.4%, respectivamente).

O mesmo critério de categorização utilizado na Tabela 3.2 foi utilizado para a Tabela 3.4, distribuindo-se os tópicos pelas 6 grandes categorias referidas. De acordo com a Tabela 3.4, todas as categorias propostas incluem tópicos que na perspectiva dos pais devem ser abordados entre o 9º ano e o 12º ano, exceptuando as categorias Desenvolvimento Humano e Competências Pessoais, com tópicos a implementar mais cedo no currículo, a partir do 6º - 8º anos.

Tabela 3.4. Média e mediana do nível de escolaridade em que devem ter início as categorias abrangentes que devem fazer parte do currículo de ES

Categorias	Média	Mediana
Comportamento Sexual (Sonhos Húmidos, Abstinência, 1ª relação sexual, Masturbação, Comportamento sexual (e.g. beijos profundos), Prazer sexual e orgasmo, Problemas sexuais, Pornografia)	3.74	9º-12º
Relações (Gravidez Adolescente, Atração, amor e intimidade, Sexo como parte de uma relação amorosa)	3.54	9º-12º
Sociedade e Cultura (Sexualidade nos media, Prostituição adolescente, Género e diversidade)	3.51	9º-12º
Saúde Sexual (Contraceção, IST's, Abuso Sexual, Interrupção Voluntária da Gravidez)	3.44	9º-12º
Competências Pessoais (Vocabulário, Construção de relações românticas igualitários, Comunicação sobre questões sexuais, Estar confortável com o sexo oposto, Lidar com a Pressão dos Pares, Ligação entre sexualidade e um projecto de vida)	3.24	6º-8º
Desenvolvimento Humano (Imagem Corporal, Puberdade, Menstruação, Reprodução, Homossexualidade)	2.93	6º-8º

N entre 185 e 186

As mesmas variáveis sociodemográficas, o conhecimento, o conforto e as variáveis ligadas à ES recebida dos próprios pais, cruzadas anteriormente com as atitudes face à ES e a importância atribuída a tópicos específicos, foram analisadas para os tópicos dispostos pelas 6 categorias para este grupo.

Evidenciaram-se como significativas o sexo dos pais, Traço de Pillai = .083, $F(6,133) = 2.00$, $p = .070$, $\eta_p^2 = .083$ (marginalmente), o sexo dos filhos, Traço de Pillai = .240, $F(12, 268) = 3.05$, $p = .000$, $\eta_p^2 = .120$ e o conhecimento, Traço de Pillai = .262, $F(24,544) = 1.586$ $p = 0.39$ e $\eta_p^2 = .065$, para 4 categorias.

Assim, o sexo dos pais $F(1,172) = 4.933$, $p = .028$ e o sexo dos filhos $F(2,172) = 4.736$, $p = .010$ mostraram-se significativos para a categoria Desenvolvimento Humano, estando esta última variável também relacionada com a categoria Comportamento Sexual $F(2,172) = 2.509$, $p = .85$. Já o conhecimento, apresentou-se significativo para as categorias Sociedade e Cultura, $F(4,172) = 2.682$, $p = .034$ e Competências Pessoais $F(4,172) = 3,781$, $p = .006$. As Mães ($M_{fem} = 2.87$, $DP = .22$; $M_{mas} = 3.14$, $DP = .23$) com filhos do sexo feminino ($M_{fem} = 2.79$, $DP = .24$; $M_{mas} = 3.02$, $DP = .22$; $M_{fem e mas} = 3.20$, $DP = .22$), preferiram a introdução de tópicos referentes à categoria do Desenvolvimento Humano, enquanto que com filhos do sexo masculino ($M_{mas} = 3.67$, $DP = .19$; $M_{fem} = 3.87$, $DP = .20$; $M_{fem e mas} = 3.92$, $DP = .19$) a preferência incidia sobre tópicos da categoria Comportamento Sexual, mais precocemente relativamente às restantes. De forma semelhante, os pais que são residentes em Aldeias ($M_{Aldeia} = 2.78$, $DP = .26$; $M_{vila} = 3.01$, $DP = .25$; $M_{Cidade} = 3.22$, $DP = .20$).

Na generalidade, pais que se perceberam como mais conhecedores para disponibilizar ES aos filhos, relevaram maior preferência por ver abordados tópicos que se incluem nas categorias Sociedade e Cultura ($M_{>conhec} = 3.54$; $M_{<conhec} = 3.76$) e

Competências Pessoais ($M_{>conhec} = 3.22$; $M_{<conhec} = 3.86$), embora no nível de escolaridade mais tardia, correspondente ao 9º - 12º anos.

Educação Sexual disponibilizada em casa

No que diz respeito à ES disponibilizada em casa, os pais manifestaram-se quanto à qualidade da ES prestada aos filhos, o encorajamento de questões ligadas à sexualidade, o conhecimento e o conforto que possuem sobre ES e a extensão da comunicação realizada. Quarenta por cento percepcionou o seu desempenho como bom e apenas 5.1% considerou ter um desempenho fraco na ES prestada. Quanto ao conhecimento, a maioria dos pais (61.7%), concordou ter conhecimento adequado, sendo que 0.6% afirmou não ter conhecimento. Já no que se refere ao conforto para discutir temas relacionados com a ES, 35.4% dos pais referiu sentir-se confortável e 32% disse sentir-se pouco confortável, revelando-se pouco consensuais nesta matéria. Registou-se ainda que 37.1% encorajou algumas vezes o(s) seu(s) filho(s) a colocar questões relacionadas com a ES, tendo sido assinalado ainda uma percentagem de 17.7 de pais que nunca incentivou esta prática. A par destes resultados, considerou-se pertinente averiguar a extensão da comunicação realizada para 12 tópicos específicos de saúde sexual em função do nível de escolaridade dos filhos. Analisou-se os valores de mediana correspondentes a cada nível de escolaridade e à extensão da comunicação de acordo com cada tópico (Anexo V.1).

Os resultados revelam que nenhum tópico foi abordado de forma aprofundada pelos pais. Reprodução, Puberdade, Género e Diversidade, Abuso sexual e prevenção de aproximações abusivas, Nome correcto para nomear os genitais e Noção de família, são os tópicos discutidos com algum detalhe na comunicação entre pais e filhos, enquanto a Contracepção, as IST's, a Tomada de decisões sexuais nos relacionamentos e os

Aspectos emocionais e relacionais nos relacionamentos íntimos são identificados como abordados apenas em termos gerais. Os menos discutidos foram a Abstinência e o Prazer sexual.

Analisando as diferenças da extensão das conversas de acordo com o nível de escolaridade dos filhos, compreende-se que alguns tópicos foram abordados com maior profundidade à medida que o ano escolar dos filhos foi evoluindo, como é o caso dos tópicos alusivos à Contraceção, IST's, Tomada de decisão e Aspectos emocionais e relacionais nos relacionamentos íntimos. Especificamente nestes temas, a abordagem dos pais torna-se particularmente profunda com o avançar da idade, partindo da inexistência de comunicação até ao 4º ano para uma comunicação com algum detalhe a partir do 7º ou 9º ano. Os tópicos referentes à Abstinência e ao Prazer sexual apresentam padrões diferentes. O tema da Abstinência é apenas discutido com algum detalhe nos 7º e 8º anos sendo inexistente a discussão nos restantes níveis escolares, enquanto o tópico relativo ao Prazer sexual é abordado apenas em termos gerais entre o 5º e o 8º ano, não havendo exploração em idades mais precoces ou mais avançadas.

Os tópicos mais discutidos nas idades mais precoces (jardim de infância – 4º ano) foram o Nome correcto para os órgãos genitais, a Noção da família e a Diversidade e Género, mas apenas em termos gerais. Para os 5º e 6º anos encontramos a Puberdade, Reprodução, Diversidade e Género, Abuso sexual e Noção de família, discutidos com algum detalhe. Para o 7º e 8º ano todos os tópicos já foram discutidos com algum detalhe à excepção do Prazer sexual, Tomada de decisão e Aspectos emocionais e relacionais nos relacionamentos íntimos e, finalmente, entre o 9º e o 12º ano, todos foram considerados exceptuando a Abstinência e o Prazer sexual.

Comunicação entre Pais e Filhos

No que respeita à qualidade da comunicação, foi realizada uma regressão linear múltipla onde as variáveis sexo, idade e formação académica foram introduzidas em Step 1; seguindo-se as variáveis relativas ao conhecimento e ao conforto para disponibilizar ES aos seus filhos, a importância atribuída à ES e, ainda, as variáveis relativas à ES recebida junto dos próprios pais (a satisfação com a mesma e o desejo de uma abordagem mais abrangente) introduzidas em Step 2.

Foi possível verificar que as variáveis sociodemográficas consideradas para esta análise não se apresentaram determinantes para a variação da qualidade da ES disponibilizada pelos pais. Por outro lado, o conhecimento ($\beta = 0.333$, $t(163) = 4.732$; $p = .000$) e o conforto ($\beta = -.341$, $t(163) = -4.961$; $p = .000$) revelaram-se significativos, explicando 32% da variância na qualidade da ES prestada aos filhos, $F(8,163) = 11.07$, $p = .000$. Pais que se sentiram mais conhecedores sobre as temáticas de ES e mais confortáveis para abordar assuntos ligados ao tema, perceberam a educação sexual que prestaram aos filhos como de maior qualidade.

A mesma análise foi efectuada, considerando o encorajamento de questões ligadas à sexualidade. As características sociodemográficas em Step 1 que se apresentaram significativas foram o sexo e a idade, sendo explicativas de 4% da variância, $F(3,168) = 3.365$, $p = .020$. As variáveis conforto ($\beta = .444$, $t(163) = 6.240$; $p = .000$) e importância atribuída à ES ($\beta = .116$, $t(163) = 1.713$; $p = .089$), do conjunto de variáveis estudadas em Step 2, contribuíram significativamente, acrescentando 23% para a explicação da variância. Em Step 2, com a contribuição das variáveis adicionadas, a variável sexo dos pais, significativa em Step 1, deixou de o ser, mantendo-se a variável idade dos pais ($\beta = .179$, $t(163) = 2.672$; $p = .008$) como significativa. Pais mais velhos,

que se sentiam mais confortáveis para abordar assuntos ligados ao tema da sexualidade e que simultaneamente perceberam a ES como importante, encorajaram mais os seus filhos a colocar questões.

Na sua totalidade, as variáveis idade dos pais, conforto sentido para abordar a sexualidade e importância atribuída à ES, contribuíram para explicar 27% da variância quanto à frequência para encorajar o questionamento por parte dos filhos sobre o tema, $F(8,163) = 8.920, p = .000$.

O mesmo tipo de análise foi realizado no que diz respeito à extensão da sua comunicação, especificamente no caso do filho mais velho. De forma a considerar a extensão da comunicação com os filhos como uma única variável e facilitar as análises pretendidas, considerou-se a totalidade dos itens pela soma dos 12 itens representativos desta dimensão. Em Step 1 foram introduzidas as variáveis sexo, idade e formação académica dos pais; em Step 2 as variáveis sexo e ano de escolaridade do filho mais velho e em Step 3, as variáveis relativas ao conhecimento, ao conforto, à importância atribuída à ES e à ES recebida dos próprios pais (satisfação e desejo de uma abordagem mais abrangente). O sexo dos pais e a idade, significativos em Step1, juntamente com o nível de escolaridade do filho mais velho, em Step 2, justificaram uma variância de 46% na extensão da comunicação realizada $F(5,166) = 24.66, p = .000$.

Em associação, as variáveis referentes à qualidade da ES - conhecimento ($\beta = -.193, t(161) = -3.409; p = .001$), conforto ($\beta = .173, t(161) = 3.130; p = .002$), as ligadas à ES recebida – satisfação ($\beta = -.157, t(161) = -2.589; p = .011$) e desejo de uma abordagem mais abrangente ($\beta = -.128, t(161) = -2.152; p = .033$), a importância dos tópicos ($\beta = .183, t(161) = 3.507; p = .001$) e ainda o nível de escolaridade dos filhos ($\beta = .670, t(161) = 11.59; p = .000$), revelaram-se significativas para a extensão da

comunicação $F(10, 161) = 23.422, p = .000$. O sexo e a idade dos pais, apesar de se terem mostrado significativos em Step 1, mantendo-se o sexo igualmente significativo em Step 2, em Step 3, nenhuma das variáveis expressaram significância com a contribuição das outras variáveis mencionadas.

Os resultados evidenciaram que pais que têm filhos mais velhos, que reconhecem a importância da ES, e que sentem maior conhecimento, maior conforto para comunicar com os filhos sobre ES e simultaneamente maior satisfação, mas que gostariam de ter recebido dos próprios pais uma educação sexual mais abrangente, tendem a abordar mais aprofundadamente tópicos ligados à sexualidade. Estas variáveis preditoras da extensão da comunicação entre pais e filhos relativamente a um conjunto específico de tópicos de ES, explicam 57% da variância.

Educação sexual recebida pelos pais

No que concerne à ES recebida pelos pais, 61 participantes sentiram-se insatisfeitos (35.5%) e 19 muito insatisfeitos (11%). Quarenta e dois participantes afirmaram sentir-se satisfeitos (24.4%) e 7 muito satisfeitos com a educação recebida a este nível (4.1%). Cerca de 43 pais mantiveram uma atitude de neutralidade face a este domínio, com uma representação percentual de 25%. Mais de metade (107 participantes), concordou ou concordou muito com a afirmação “Gostaria que o tema da sexualidade tivesse sido mais abordado pelos meus pais.” (49.4% e 12.8%, respectivamente), sendo que 22 (12.8%) discordou e 43 pais (25%) não concordou nem discordou com a afirmação.

A MANOVA realizada considerando as duas variáveis referentes à ES recebida pelos próprios pais, i.e. satisfação e desejo de uma abordagem mais abrangente (como variáveis dependentes) e as variáveis sexo e idade dos pais, sexo dos filhos, formação

académica, localidade, região do país, bem como o conforto e conhecimento para disponibilizar ES aos filhos, evidenciou a variável região do país como a única variável significativa, Traço de Pillai = .155, $F(12,290) = 2.036$, $p = .021$, $\eta_p^2 = .078$.

Pais residentes na Região Centro do país demonstraram que gostariam de ter recebido uma abordagem mais abrangente da sexualidade $F(6,172) = 2.286$, $p = .039$, comparativamente aos pais residentes noutras regiões ($M_{\text{Centro}} = 2.48$, $M_{\text{Norte}} = 2.50$, $M_{\text{Ilhas}} = 2.54$, $M_{\text{Sul}} = 2.76$).

Os pais apontaram ainda os media ($M = 3.36$, $DP = 1.09$) e os amigos/grupo de pares ($M = 3.24$, $DP = .94$) como as principais fontes de informação na ES que receberam, seguidas pelos pais, outros adultos e a escola, sendo a influência menos significativa correspondente à dos líderes religiosos ($M = 1.72$; $DP = 1.02$).

Análise de conteúdo

A análise realizada às questões de resposta aberta do questionário fizeram emergir 7 categoriais centrais, 3 das quais encontram-se divididas em subcategorias.

A categoria com maior expressão ao nível dos tópicos de interesse a ver discutidos num seminário ou formação de pais realizado pela escola dos filhos, foi a categoria relativa a Tópicos de Interesse (34.2%), com especial incidência sobre os “(Tópicos)/Sem especificação/Todos os tópicos” (subcategoria com 20.7%). Também a categoria “Considerações sobre ES” (12.6%), apresenta elevada frequência nas respostas dos pais, os quais apresentaram vários comentários sobre a sexualidade na generalidade e sobre ES. Podem ser destacadas as Categorias “Apoio na ES prestada em casa” (15.5%) especificamente com a subcategoria “Dinamização de actividades/disponibilização de serviços” (12.4%) e ainda a Categoria relativa ao “Currículo de ES” (11.4%) (análise de conteúdo disponível em Anexo IV.2).

Capítulo IV - Discussão e Conclusões

A presente dissertação teve como objectivo conhecer as perspectivas parentais relativamente à Educação Sexual em meio escolar assim como a influência que estas podem exercer sobre a educação que os pais prestam aos seus filhos.

No seguimento da análise efectuada é possível constatar que a grande maioria dos pais apoia a Educação Sexual nas escolas estando de acordo que a leccionação desta temática deve ser uma responsabilidade partilhada entre pais e professores. Este facto é consistente com os estudos que têm vindo a ser desenvolvidos reportando a influência e importante colaboração que a escola exerce neste que é um domínio essencial, sobretudo junto das nossas crianças e jovens (Almeida & Centa, 2009; Weaver et al., 2002). Apesar do contexto familiar ser consagrado com um contexto preferencial para o ensino da ES, parece haver consenso sobre a responsabilização partilhada neste tipo de educação, dado que muitos pais vêm na escola um pilar importante no apoio à educação dos seus filhos (Almeida & Centa, 2009).

Face a atitudes positivas à ES, no que concerne à introdução precoce no currículo escolar, esta é particularmente sustentada pelas mães, pelos pais com formação académica mais elevada e pelos que apresentam um maior conforto perante este tema.

Este aspecto pode, por um lado, dever-se ao facto dos pais que sentem maior vontade para abordar assuntos ligados à sexualidade reconhecerem a importância da ES para o desenvolvimento sadio dos filhos. Considerando que na perspectiva de Angera e colaboradores (2008), são as mães quem apresenta maior abertura para abordar esta temática, este facto pode surgir como um indicador favorável à valorização da introdução precoce da ES nas vidas dos seus filhos, apesar de não existir informações na investigação realizada até ao momento que corrobore esta situação.

Em relação às atitudes favoráveis à introdução da ES no currículo, os pais que dizem sentir menor conforto para abordar o tema da sexualidade parecem ser concordantes com a sua introdução no currículo, aspecto que pode encontrar-se associado à falta de informação credível, de meios ou de distanciamento emocional suficientes para uma abordagem em casa (Sieg, 2003), percebendo a escola como um local adequado para tal. É pois possível responder à questão de investigação que associa as variáveis sociodemográficas, o conhecimento, o conforto e a ES recebida pelos pais às atitudes da ES, sendo que apenas o conforto parece contribuir para estas atitudes, o mesmo não acontecendo com o conhecimento e com a ES recebida (QI.1).

Na perspectiva dos pais, a ES deve iniciar-se até ao final do 1º ciclo, no entanto, os pais demonstram preferência por verem abordados tópicos específicos apenas a partir do 4º ano de escolaridade. Estes resultados levam-nos a pensar que dada a dificuldade sentida por muitos pais em discutir determinados temas, considerados menos seguros, isso os leva a evitar ou focar de um modo superficial a componente relacional e a outras questões mais sensíveis associadas, por exemplo, ao prazer e à tomada de decisão nas relações na comunicação realizada pelas mães (Nair et al. 2011; Gullamo-Ramos & Bourls, 2009; Angera et al. 2008). Assim, os resultados demonstram preferência por temas sobre o desenvolvimento humano e competências pessoais numa fase mais precoce face aos restantes no caso das mães, evidenciando-se ainda tópicos sobre o comportamento sexual para o caso da abordagem com filhos do sexo masculino. Do mesmo modo, esta discrepância pode ser reveladora de algum receio de que a referência a estes temas na escola possa despertar um interesse que não possa ser suficientemente acompanhado pelos pais, não conseguindo dar resposta às dúvidas trazidas pelos filhos.

Por outro lado, os dados sujeitos à análise de conteúdo referentes às questões de resposta aberta do questionário, mostram que alguns pais desconhecem quais os tópicos

adequados a cada fase do desenvolvimento, revelando-se preocupados com uma exposição demasiado prematura a determinados temas e inclusivamente pedem esclarecimentos sobre este aspecto em particular. Esta lacuna de conhecimentos, poderá também justificar em parte, a visível discrepância entre o início da ES e o debate dos tópicos por nível de ensino. Considerado todas estas informações, apenas o conhecimento e a características relativas ao sexo condicionam a preferência dos tópicos abordados, em resposta à questão em torno deste aspecto (QI.3).

A maioria dos pais considera então adequado a abordagem escolar mais exaustiva e portanto de um maior número de tópicos de ES entre o 9º e o 12º ano, nível escolar correspondente à fase média da adolescência, com interesse particular por ver explorados assuntos ligados ao comportamento sexual, à saúde sexual, às relações afectivas e a tópicos mais voltados para questões sociais e culturais. Sendo esta etapa do desenvolvimento particularmente decisiva no despontar da sexualidade, o que consequentemente pode resultar numa maior vulnerabilidade nas práticas sexuais (Connolly et al., 2004; Nair et al., 2011), pode, por esta razão, levar os pais a estar mais sensibilizados para uma exploração mais abrangente sobre a multiplicidade de temas envolvidos. No entanto, os pais parecem considerar relevante a abordagem dos temas no momento em que previsivelmente a informação será necessária e não numa fase que anteceda a necessidade de fazer uso dessas informações, como seria de esperar de acordo com a perspectiva preventiva da ES (Marques, 2000; WHO, 2010).

Do conjunto de tópicos de ES apresentados, todos foram considerados importantes, incluindo os que ultrapassam a componente biológica, embora especial ênfase seja atribuída a tópicos relativos à saúde sexual (IST's, Contraceção e Abuso sexual). De facto, temas como estes são dos mais salientes quando se fala de sexualidade pelas implicações e riscos que acarretam na vida das pessoas, sendo

também dos mais abordados pelos pais, aos quais se associam igualmente, as questões do desenvolvimento físico (Nair et al, 2011; Miller, Kotchick, Dorsey, Forehand, & Ham, 1998 cit. por Martino, et al., 2008). Esta evidência é, no nosso entender, reforçada pela solicitação feita por parte dos pais quando interrogados sobre possíveis tópicos que gostariam de ver abordados num *workshop* ou formação de pais desenvolvido pela escola dos filhos, aspirando a uma abordagem aprofundada destes assuntos. Quanto às características sociodemográficas, ao conhecimento e ao conforto, para nenhuma delas se estabeleceu relação com a importância atribuída aos tópicos de ES, o que permite responder a uma questão de investigação previamente colocada que procurava compreender a existência de relações entre as variáveis atrás mencionadas (QI.2).

Como características influentes na comunicação realizada com os filhos, os resultados deste estudo evidenciam características como o maior conhecimento, o conforto, a ES recebida pelos pais e ainda a importância atribuída à ES como influentes.

No domínio da qualidade da comunicação, perceber o seu desempenho como satisfatório e de qualidade revelou-se fortemente depende do conhecimento e do à-vontade que estes agentes socializadores julgam possuir face ao tema da sexualidade, facto que é defendido por vários estudos realizados (e.g. Dilorio et al., 2000). Podemos concluir que quanto maior conhecimento e à-vontade os pais sentem, mais aptos estarão a apoiar os filhos e a valorizar a ES, pelo que investir na formação de pais revela-se fundamental.

Quanto ao encorajamento, os pais parecem incentivar a frequência do debate e o questionamento sobre a sexualidade em função da importância atribuída aos temas e do conforto para iniciar as conversas. De acordo com a investigação, pais que percebem o tema da ES como mais importante, estão mais dispostos a debater o assunto, encorajando um debate aberto sobre tópicos diversificados (Byers et al., 2008).

No que diz respeito à qualidade da comunicação, a importância atribuída aos temas não mostra ser relevante no presente estudo.

Apesar de considerarem fundamental que esta abordagem seja efectuada de forma natural e livre de constrangimentos, possíveis lacunas nas suas competências comunicacionais, bem como a falta de coragem e segurança muitas vezes evidenciadas pelos pais (Almeida & Centa, 2009), podem comprometer o tipo de diálogo estabelecido entre os pais e os filhos, assim como a natureza do tema parece determinar o tipo de debate criado (Beckett et al., 2010; Martino et al., 2008).

Estes dados relativos ao conhecimento e ao conforto sentido pelos pais, bem como a importância atribuída pelos mesmos à ES, fornecem informações que vão ao encontro de duas questões de investigação, contribuindo para a sua compreensão. Incidem, por um lado, sobre a possível relação entre a importância atribuída à ES e as características ligadas à qualidade e ao encorajamento, sendo visível a existência de um relação positiva entre a importância e o encorajamento de questões sobre a sexualidade, o mesmo não acontecendo relativamente à qualidade da ES prestada. Por outro, a qualidade parece receber a influência de aspectos como o maior conhecimento e o conforto, demonstrando-se o seu efeito na qualidade da comunicação (QI.4 e QI.6).

Além destas, outra informação considerada relevante, condicionando a atitude comunicacional, centra-se na questão da educação que os pais receberam ao longo da sua infância e adolescência proveniente dos próprios pais, revelando o seu contributo sobre a extensão da comunicação.

Aparentemente as conversas mais profundas ocorrem em função da satisfação e do desejo de uma abordagem mais abrangente no sentido em que, quando maior é a satisfação e a vontade de ter recebido uma ES mais abrangente, maior a tendência para uma abordagem que incida detalhadamente sobre estas questões. Na base desta

evidência, pode estar a consciência de que os filhos precisam de uma ES mais satisfatória e de qualidade face à dos seus pais e para isso, se esforcem por desempenhar um papel mais activo (Dias & Gomes, 1999). É possível que por considerarem a educação vinda dos seus antecedentes não satisfatória, os pais tenham indicado como essenciais fontes de informação os *media* e o grupo de pares. No caso dos seus filhos adolescentes, de acordo com vários estudos, estes reportam o grupo de pares como principal fonte de conhecimento à qual recorrem para falar sobre a sexualidade (e.g. Dias & Rodrigues, 2009; Ramiro et al., 2011). Em resposta à última questão de investigação elaborada, a ES que os pais receberam, encontrou-se parcialmente associada apenas à região do país, no sentido em que os pais da região centro demonstram que gostariam de ter recebido dos seus pais uma ES mais abrangente. No entanto, não existem, dados consistentes na literatura consultada que sustente este facto.

Os resultados em torno da extensão da comunicação evidenciam ainda que os pais com maior conforto, mais conhecimento e que atribuem importância a tópicos da ES referem estabelecer discussões com maior detalhe sobre vários tópicos (Byers et al. 2008), com os seus filhos mais velhos. Estes factos também contribuem para dar resposta a duas questões colocadas nesta investigação, relativamente à possível relação entre variáveis sociodemográficas e outras como o conforto e o conhecimento sobre a extensão da comunicação entre pais e filhos e ainda à relação entre a importância atribuída à ES sobre a referida característica da comunicação (QI.4 e QI.6).

De uma forma geral, embora os pais avaliem de forma positiva a ES disponibilizada aos filhos, os dados evidenciam que a extensão da comunicação é pouco profunda, limitando-se os pais a tratar os temas de forma um pouco superficial, explorando sobretudo tópicos associados à puberdade, reprodução, abuso sexual, noção de família, diversidade e género e nomeação correcta dos órgãos genitais. Esta fraca

exploração dos temas conduz a um sentimento de insatisfação por parte dos filhos, apontando esta abordagem como insuficiente perante as suas curiosidades e necessidades (Sieg, 2003; Weaver et al., 2002). Os pais parecem preferir discutir um conjunto de tópicos com os filhos numa fase mais avançada do desenvolvimento, possivelmente por sentirem que é o momento essencial ao estabelecimento de discussões, indo ao encontro da perspectiva de que as características do receptor podem interferir na transmissão da mensagem/comunicação (Byers et al., 2008).

A extensão da comunicação tende a acompanhar o desenvolvimento gradual dos filhos, sendo visível sobretudo em tópicos como a puberdade, a contracepção ou ainda os aspectos emocionais e relacionais nos relacionamentos íntimos, cuja discussão inicia-se de uma forma muito geral a partir do 4º ano, crescendo maior detalhe nos níveis de escolaridade entre o 7º e o 12º anos. Estes dois aspectos relativos por um lado à fase da adolescência enquanto fase preferencial para a discussão e por outro o visível aumento na extensão do debate ao longo do desenvolvimento, permite responder a duas questões previamente delineadas para esta dissertação, relativas à possível existência de uma fase preferencial para abordar a sexualidade com os filhos e à extensão da comunicação realizada em função do nível de escolaridade dos filhos, respectivamente (QI.5 e QI.7).

Conscientes das falhas que possuem, os pais apresentam como medidas para melhorarem a ES disponibilizada aos filhos, poderem receber materiais informativos sobre questões sexuais e serem objecto de formação e de sessões de esclarecimento com a presença de agentes especializados (eg. enfermeiros, médicos, psicólogos) cuja intervenção contribua para desmistificar questões particulares e sugerir ideias para a mediação dos pais e professores nesta área de formação junto das crianças e jovens.

Em síntese, a importância da ES é reconhecida pelos pais, sendo apoiada a sua introdução no currículo escolar desde muito cedo no desenvolvimento dos filhos.

Os pais reportam a sua preferência em ver abordados tópicos relacionados com o desenvolvimento humano e as competências pessoais mais cedo face aos restantes, a partir 6º ano de escolaridade, atribuindo especial relevo a tópicos como IST's, Contraceção e Abuso sexual.

No domínio da ES prestada aos filhos, os pais referem várias características que exercem o seu efeito na comunicação realizada. Características sociodemográficas como o sexo dos pais ou dos filhos e a formação académica são apontadas, do mesmo modo que o conhecimento e o conforto sobre o tema influi sobretudo sobre a qualidade e extensão da comunicação, e ainda sobre o encorajamento no caso concreto do conforto. Do mesmo modo, a importância atribuída a tópicos de ES parece exercer influência sobre o encorajamento e a extensão. Relativamente à ES que os próprios pais receberam, uma elevada satisfação face à mesma, ansiando, no entanto por uma ES que se manifestasse mais abrangente, surge como factor influente na extensão da comunicação que realizam.

Limitações do Estudo

Os resultados obtidos nesta dissertação acrescentam no nosso entender, dados de interesse ao quadro teórico no campo das perspectivas parentais sobre a ES, mais concretamente no que concerne à comunicação entre pais e filhos, um domínio pouco explorado da ES. Contudo, importa referir algumas limitações que lhe estão inerentes e que devem ser tidas em consideração em futuras investigações.

A reduzida dimensão da amostra pode influir sobre os resultados obtidos, sendo necessário considerar as conclusões apresentadas de forma cuidadosa. Uma amostra mais significativa poderia ter providenciado informações mais consistentes que permitissem uma apreciação mais próxima da realidade portuguesa neste contexto em estudo. De forma semelhante, a diferença do número de participantes do sexo feminino

e masculino pode ter conduzido a resultados que não sejam ilustrativos das perspectivas dos pais por se apresentarem em menor número face às perspectivas das mães.

Consideramos, igualmente, que uma análise mais aprofundada relativamente aos conteúdos emergentes da análise categorial realizada, que contribuíram para complementar os dados empíricos, poderia enriquecer substancialmente os resultados. Referimo-nos especialmente às sugestões e solicitações efectuadas na procura de apoio na ES prestada a partir das quais é possível considerar aspectos de interesse para futuras abordagens com os pais, nomeadamente em torno da formação parental para este tema.

Implicações do Estudo

A exploração do tema da ES junto dos pais revela-se imprescindível, pelo que a contribuição de novas investigações neste domínio podem trazer um contributo importante para a qualidade da ES disponibilizada às crianças e jovens. Não basta, no entanto, conhecer as perspectivas e atitudes destes agentes, mas importa sobretudo auxiliá-los na intervenção desenvolvida com os filhos e facultar o esclarecimento de dúvidas e de ideias preconcebidas muitas vezes presentes no seio das famílias.

Dada a preocupação dos pais neste âmbito educativo e a influência que a ES representa na vida das crianças e jovens, perspectivamos como pertinente o desenvolvimento de esforços no sentido não só de esclarecer estes intervenientes acerca das abordagens realizadas e a realizar pela escola, de forma a permitir um acompanhamento adequado pelos pais em casa, mas também em criar oportunidades que permitam o envolvimento efectivo dos pais. Acresce especial relevo a este ponto, as contribuições realizadas pelos pais, através das sugestões de apoio que gostariam de ver implementadas, das quais destacamos, a título de exemplo, a realização de sessões de esclarecimento ou a dinamização de seminários dirigidos por profissionais competentes, cabendo ao psicólogo educacional um papel importante neste domínio.

Referências Bibliográficas

Almeida, A., C., & Centa, M. L. (2009). A família e a educação sexual dos filhos: Implicações para a enfermagem. *Acta Paulista de Enfermagem*, 22(1), 71-76. Retirado de http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n1/en_a12v22n1.pdf.

Alvarez, M.J., & Marques Pinto, A. (no prelo). Educação sexual: Atitudes, conhecimento, conforto e disponibilidade de professores portugueses. Aletheia.

Amado, J. S. (2000). A técnica de análise de conteúdo. *Referência*, 5, 53-63.

American Academy of Pediatrics, Committee on Psychosocial Aspects of Child and Family Health and Committee on Adolescence. (2001). Sexuality education for children and adolescence. *Pediatrics*, 108(2) 498-502.

Anastácio, Z. C. (Ed.). (2009). Receios e apoios em educação sexual: Percepções de professores de 1º CEB. *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho.

Angera, J. J., Brookins-Fisher, J., & Inungu, J. N. (2008). An investigation of parent/child communication about sexuality. *American Journal of Sexuality Education*, 3(2), 165-181.

Azevedo, M. J. (2001). *Educação sexual e prevenção da sida e da gravidez precoce*. (Tese de Mestrado não publicado). Universidade da Beira Interior: Beira Interior.

Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo* (4.ª ed.). Lisboa: Edições 70.

Bryman, A. (1984). The debate about quantitative and qualitative research: A question of method or epistemology? *The British Journal of Sociology*, 35(1), 75-92.

Beckett, M. K., Elliott, M. N., & Martino, S. (2010). Timing of parent and child communication about sexuality relative to children's sexual behaviors, *Pediatrics*, *34*, 33-43.

Byers, E. S., Sears, H. A., & Weaver, A. D. (2008). Parents' reports of sexual communication with children in kindergarten to grade 8. *Journal of Marriage and Family*, *70*, 86-96.

Carvalho, C. S. (2008). *Guia para educadores: Educação da sexualidade*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã.

Connolly, J., Craig, W., Goldberg, A., & Pepler, D. (2004). Mixed-gender groups, dating, and romantic relationships in early adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, *14*, 185-207.

Dias, A. C., & Gomes, W. B. (1999). Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: A percepção dos pais. *Estudos de Psicologia*, *4*(1), 79-106.

Dias, A. M., Ramalheira, C., Marques, L., Seabra, M. E., & Antunes, M. L. (2002). *Educação sexual no dia-a-dia da prática educativa*. Braga: Edições Casa do Professor.

Dias, S., Gaspar de Matos, M. & Gonçalves, A. (2007). Percepção dos adolescentes acerca da influência dos pais e pares nos seus comportamentos sexuais. *Análise Psicológica*, *4*(25), 625-634.

Dias, A. C., & Rodrigues, M. A. (2009). Adolescentes e sexualidade: Contributo da educação, da família e do grupo de pares adolescentes no desenvolvimento da sexualidade. *Referência*, *10*, 15-22.

Dilorio, C., Resnicow, K., Dudley, W., Thomas, S., Wang, D., Van Marter, D., Manteuffel, B., & Lipana, J. (2000). Social cognitive factors associated with mother-adolescent communication about sex. *Journal of Health Communication*, *5*(1), 41-51.

European Centre for Disease Prevention and Control - Chlamydia control in Europe. Stockholm: European Centre for Disease Prevention and Control. Retirado de http://www.ecdc.europa.eu/en/publications/Publications/0906_GUI_Chlamydia_Control_in_Europe.pdf

Esteves, M. (2006). Análise de conteúdo. In J. Lima & J. Pacheco (Eds.), *Fazer investigação: Contributos para a elaboração de dissertações e teses* (pp.105-126). Porto: Porto Editora.

Farias, J. A. (2002). *Atitudes dos pais encarregados de educação face a educação sexual. Estudo com pais encarregados de educação de alunos do 2º ciclo da escola básica dos 2º e 3º ciclo do Teixoso*. (Tese de Mestrado, não publicado). Beira Interior: Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Beira Interior.

Frade, A., Marques, A. M., Alverca, C., & Vilar, D. (2010). *Educação sexual na escola: Guia para professores, formadores e educadores* (8.ª ed.). Lisboa: Texto Editora.

Grupo de Trabalho de Educação Sexual (2007). *Relatório final*. Retirado de http://sitio.dgicd.min-edu.pt/saude/Documents/GTES_RELATORIO_FINAL.pdf

Gullamo-Ramos, V., & Bourls, A. (2009). Working with parents to promote healthy adolescent sexual development. *The Prevention Researcher*, 16, 7-12.

Hasse-Biber, S. N. (2010). *Mixed methods research - merging theory with practice*. New York: The Guilford Press.

Jerman, P., & Constantine, N. A. (2010). Demographic and psychological predictors of parent-adolescent communication about sex: A representative statewide analysis. *Journal of Youth and Adolescence*, 39(10), 1164–1174.

Kirby, D. (2003). Risk and protective factors affecting teen pregnancy and the effectiveness of programs designed to address them. In D. Romer (Ed.), *Reducing*

adolescent risk: Toward an integrated approach (pp.265-283). Thousand Oaks, CA: Sage.

Lobão, A. J. (2007). *A relevância da educação sexual no 1.º ciclo do Ensino Básico: Um estudo de caso*. (Tese de Mestrado não publicado). Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique.

Marques, A. M. (Coord.). (2000). *Educação sexual em meio escolar: Linhas orientadoras*. Lisboa: Publicação conjunta dos Ministérios da Educação e da Saúde.

Ministério da Educação. (2001). *Promoção da saúde em meio escolar, nº3*. Lisboa: Comissão de Coordenação da Promoção e Educação para a Saúde. Retirado de http://www.netprof.pt/pdf/Relatorio_EduSexual.pdf

Ministério da Educação. (2009). *Educação sexual - Proposta de conteúdos mínimos*. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Lisboa: Ministério da Educação. Retirado de http://www.eb23-francisco-torrinha.rcts.pt/edu_sex/edusex2.pdf

Martino, S. C., Elliott, M. N., Corona, R., Kanouse, D. E., & Schuster, M. A. (2008). Beyond the “Big Talk”: The roles of breadth and repetition in parent-adolescent communication about sexual topics. *Pediatrics*, *121*, 612-619.

Nair, M. K., Leena, M. L., & Paul, M. K. (2011). Attitude of parents and teachers toward adolescent reproductive and sexual health education. *Indian Journal of Pediatrics*, *79*, 60-63.

National Guidelines Task Force. (2004). *Guidelines for comprehensive sexuality education: Kindergarten – 12th grade* (3rd ed.). Retirado de http://www.siecus.org/_data/global/images/guidelines.pdf

Pan American Health Organization, & World Health Organization. 2000). *Promotion of sexual health recommendations for action: Proceedings of a regional consultation convened*. Antigua Guatemala: WAS.

Ramiro, L., Reis, M., Matos, M. G., Dinis, J. A., & Simões, C. (2011). Educação sexual, conhecimentos, atitudes e comportamentos nos adolescentes. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 29(1), 11-21.

Ribeiro, T (s. d.). *Educação da sexualidade em meio escolar: Os valores comuns*.

Retirado de <http://www.porto.ucp.pt/lusobrasileiro/actas/Teresa%20Tom%C3%A9%20Ribeiro.pdf>

Rosa, R. & Marques, A. M. (2012). Educação sexual na adolescência: Meio rural versus meio urbano. *Saúde Reprodutiva Sexualidade e Sociedade*, 1, 83-90. Retirado de <http://revistas.apf.pt/index.php/sr/s/article/view/9/pdf>.

Romero, K. T., Medeiros, E. H., Vitalle, M. S., & Wehba, J. (2007). O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 53(1), 14-19.

Sieg, E. (2003). Sex education and the young – some remaining dilemmas. *Health Education*, 103 (1), 34-40.

Vaz, J. M. (1996). *Educação sexual na escola*. Lisboa: Universidade Aberta.

Vilar, D. (2002). *Falar disso: A educação sexual nas famílias dos adolescentes*. Porto: Edições Afrontamento.

Weaver, A. D., Byers, E. S, Sears, H. A., Cohen, J. N., & Randall, H. E. (2002). Sexual health education at school and at home: Attitudes and experiences of New Brunswick parents. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 11(1) 19-31.

World Health Organization (2010). *Standards for sexuality education in Europe: A framework for policy makers, educational and health authorities and specialists*.

Cologne: Federal Centre for Health Education, BzgA. Retirado de <http://www.bzga-whocc.de/pdf.php?id=061a863a0fdf28218e4fe9e1b3f463b3>

Lista de Anexos

Anexo I

Anexo I.1 - Questionário de Perspectivas Parentais sobre Educação Sexual

Anexo II

Anexo II.1 - Carta de Apresentação da Investigação

Anexo III

Anexo III.1 – Guião de Entrevista

Anexo IV

Anexo IV.1 – Sistema de Categorias

Anexo IV.2 – Análise categorial realizada às questões de resposta aberta do questionário

Anexo V

Anexo V.1 – Extensão da comunicação sobre 12 tópicos de ES em função do nível de escolaridade dos filhos

Anexo I. 1 - Questionário de Perspectivas Parentais sobre Educação Sexual

Caro(s) Pai(s),

Uma equipa da Faculdade de Psicologia está a realizar três estudos com o objectivo de recolher a opinião de professores, pais e estudantes sobre a educação sexual leccionada de forma mais consistente a partir de 2009, na maioria das escolas portuguesas.

Gostaríamos que dispusesse de alguns minutos para preencher o nosso questionário inspirado num estudo realizado com objectivos semelhantes no Canadá pela equipa da Prof^a Sandra Byers da Universidade de New Brunswick.

O questionário é constituído sobretudo por questões de resposta fechada, apresentando no final 3 questões de resposta aberta. Serão abordados vários tópicos relativos à educação sexual que o(s) seu(s) filho(s) recebem quer na escola que frequenta(m) quer em casa.

É importante que responda a cada pergunta honestamente. Este site não controla o IP (endereço de internet) dos seus utilizadores, por isso toda a informação que facultar é confidencial e anónima. Por favor, não coloque o seu nome em qualquer local do questionário.

Agradecemos a sua participação. A informação que recebermos vai ajudar-nos a compreender melhor as ideias dos pais sobre a educação sexual e a dispor de sugestões para realizar ajustamentos que se mostrem necessários no futuro no âmbito da educação sexual nas nossas escolas.

O preenchimento deste questionário é voluntário e pode ser interrompido a qualquer momento.

Para qualquer comentário ou dúvida, por favor contacte o seguinte endereço electrónico: investigacao.educacaoosexual@gmail.com

Agradecemos desde já a sua participação.

No seguimento desta breve introdução declaro que:

- Aceito participar neste estudo sobre o qual me foi fornecida informação suficiente.

PARTE A. Estamos interessados na sua impressão geral sobre a educação sexual. Para cada uma das perguntas que se segue, assinale a resposta que melhor descreve a sua opinião.

A1. A educação sexual deve ser dada nas escolas

- Concordo muito
- Concordo
- Nem concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo muito

A2. A escola e os pais devem partilhar a responsabilidade pela educação sexual das crianças/jovens

- Concordo muito
- Concordo
- Nem concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo muito

A3. A educação sexual apropriada à idade e desenvolvimento da criança/jovem deve começar entre

- infantil e o 3º ano
- 4º e o 5º anos
- 6º e o 8º anos
- 9º e o 12º anos
- Não deve haver educação sexual nas escolas

A4. Avalie, por favor, numa perspectiva geral, a qualidade da educação sexual recebida pelo(s) seu(s) filho(s) na escola

- Excelente
- Muito boa

- Boa
 Razoável
 Má
 Não sei
 O(s) meu(s) filho(s) não recebeu(ram) educação sexual na escola

PARTE B. Existem vários tópicos que podem ser abordados em educação sexual. Gostaríamos de saber quão importante é, na sua opinião, que cada um dos tópicos a seguir apresentados faça parte do currículo de educação sexual. Para cada tópico assinale a opção que melhor representa a sua opinião.

	Nada Importante	Algo Importante	Importante	Muito Importante	Extremamente Importante
Conhecer vocabulário correcto para falar sobre os órgãos genitais e práticas sexuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Puberdade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Reprodução	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contraceção e práticas sexuais seguras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Abstinência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Infecções Sexualmente Transmissíveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Género e diversidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Abuso sexual e prevenção de aproximações abusivas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Prazer e satisfação sexual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tomada de decisões sexuais nos relacionamentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Vários tipos de família	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Competências emocionais e relacionais nos relacionamentos íntimos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

PARTE C. Seguidamente é apresentada uma lista de tópicos sobre educação sexual que podem ser abordados em sala de aula. Para cada tópico indique o nível de escolaridade em que deveria ser iniciado.

Por exemplo, se considera que as escolas deviam ensinar vocabulário correcto para nomear os genitais entre a infantil e o 3º ano, assinale a coluna “infantil-3” na linha que corresponde ao tópico. Se considerar que o tópico não devia ser mencionado até ao 9º ano, assinale este tópico na coluna “9-12”. Se considerar que o tópico nunca devia ser mencionado, assinale a coluna onde se lê “este tópico não devia ser incluído”.

	infantil-3	4-5	6-8	9-12	Este tópico não devia ser incluído
Conhecer vocabulário correcto para falar sobre os órgãos genitais e práticas sexuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Imagem corporal	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Puberdade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sonhos húmidos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Menstruação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Reprodução e nascimento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contraceção e práticas sexuais seguras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Abstinência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Infecções sexualmente transmissíveis/SIDA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gravidez adolescente/ Parentalidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Abuso sexual e prevenção de aproximações abusivas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interrupção Voluntária da Gravidez	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Construção de relacionamentos amorosos igualitários	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Homossexualidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Atracção, amor e intimidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Comunicação sobre questões sexuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estar confortável com o outro sexo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A 1ª relação sexual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lidar com a pressão dos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

pares para ser sexualmente activo

Masturbação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Comportamento sexual (e.g. beijos profundos, relações sexuais)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sexo como parte de uma relação amorosa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Prazer sexual e orgasmo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Problemas e preocupações sexuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sexualidade nos <i>media</i>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pornografia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Prostituição adolescente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ligação entre sexualidade e um projecto de vida que integra valores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Género e diversidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

PARTE D. Sabemos que muitos pais estão preocupados com a informação que os filhos recebem sobre educação sexual. De maneira a melhor compreendermos o tipo de educação sexual que os pais disponibilizam em casa, por favor responda às questões que se seguem.

	Sim	Não
D1. Tem um(a) filho(a) a frequentar o ensino entre o jardim de infância e o 4º ano?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
D2. Tem um(a) filho(a) a frequentar o 5º ano?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
D2A. Tem um(a) filho(a) a frequentar o 6º ano?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
D2B. Tem um(a) filho(a) a frequentar o ensino entre o 7º e o 8º ano?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
D3. Tem um(a) filho(a) a frequentar o ensino entre o 9º e o 12º ano?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
D4. Tem um(a) filho(a) a frequentar o ensino superior?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

D5. Na sua opinião, como percepçiona o seu desempenho e/ou o do seu marido(mulher) (ou do(a) seu/sua companheiro(a)) em termos da educação sexual que têm disponibilizado ao(s) seu(s) filho(s)?

Excelente

- Muito Bom
- Bom
- Razoável
- Fraco

D6. Já incentivei o(s) meu(s) filho(s) a colocar questões sobre sexualidade?

- Nunca
- Uma ou duas vezes
- Algumas vezes
- Com regularidade
- Muitas vezes

D7. Tenho conhecimento adequado para disponibilizar educação sexual ao(s) meu(s) filho(s).

- Concordo muito
- Concordo
- Nem concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo muito

D8. Há tópicos importantes na educação sexual sobre os quais não me sinto confortável para discutir com o(s) meu(s) filho(s)?

- Concordo muito
- Concordo
- Nem concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo muito

Mesmo que tenha um(a) filho(a) a frequentar o ensino secundário, por favor responda às questões que se seguem APENAS no que diz respeito ao(à) seu(sua) filho(a) mais velho(a) que se encontre a frequentar o ensino entre o jardim-de-infância e o 9º ano.

Caso só tenha um(a) filho(a) e este(a) esteja a frequentar o ensino secundário, responda relativamente a ele(a).

D9. Sexo do(a) filho(a)

- Masculino
- Feminino

D10. Em que ano de escolaridade se encontra o(a) seu(sua) filho(a)?

- entre o jardim de infância e o 4º ano
- no 5º ano
- no 6º ano
- entre o 7º e o 8º ano
- entre o 9º e o 12º ano

D11. Por favor indique até que ponto já falou com o(a) seu(sua) filho(a) sobre os tópicos que se seguem.

Já falou com o seu filho sobre:

	Nunca	Apenas em termos gerais	Com algum detalhe	Aprofundadamente
O nome correcto para os órgãos genitais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Puberdade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Reprodução	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contraceção e práticas sexuais seguras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Abstinência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Infecções Sexualmente Transmissíveis	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Género e diversidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Abuso sexual e prevenção de aproximações abusivas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Prazer e satisfação sexual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tomada de decisões sexuais nos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

relacionamentos

Vários tipos de família

Competências

emocionais e relacionais nos relacionamentos íntimos

PARTE E. Embora não queiramos saber quem é, é importante termos acesso a algumas características sobre as pessoas que responderam a este questionário. Por favor, dê-nos informação sobre si, assinalando a alternativa adequada (Se ambos os pais tiverem completado o questionário conjuntamente, por favor, dê-nos informação apenas sobre um deles).

E1. Sexo

- Masculino
- Feminino

E2. Idade

- Menos de 30 anos
- 30-39
- 40-49
- 50+

E3. Quantos filhos tem?

- Apenas um filho;
- Dois filhos;
- Três ou mais filhos;

E4. Indique, por favor, o sexo do(s) seu(s) filho(s):

- F
- M

F e M

E5. Formação académica

- Ensino Básico
- Ensino Secundário
- Ensino Profissional
- Bacharelato - 3 Anos de Ensino Superior
- Licenciatura – 5 Anos de Ensino Superior

E6. Vive numa

- Aldeia
- Vila
- Cidade

E7. Região do País

- Norte Litoral
- Norte Interior
- Centro Litoral
- Centro Interior
- Sul Litoral
- Sul Interior
- Ilhas

Por vezes as experiências de vida influenciam as nossas atitudes perante a educação sexual. Por favor, responda às questões que se seguem, consciente de que as informações fornecidas são confidenciais.

E8. No geral, sinto que a educação sexual que recebi dos meus pais foi satisfatória.

- Concordo muito
- Concordo
- Nem concordo nem discordo

- Discordo
- Discordo muito

E9. Gostaria que o tema da sexualidade tivesse sido mais abordado pelos meus pais.

- Concordo muito
- Concordo
- Nem concordo nem discordo
- Discordo
- Discordo muito

E10. Seguem-se algumas fontes de informação sexual. Por favor indique quão influentes foram cada uma delas nas suas opiniões sobre a educação sexual.

	Nada Importante	Algo Importante	Importante	Muito Importante	Extremamente Importante
Os meus pais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros adultos importantes na minha vida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Amigos/Grupo de pares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Líderes religiosos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<i>Media</i> (livros, revistas, filmes, vídeos)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

PARTE F

F1. Apesar de termos consciência da extensão do questionário e da disponibilidade que já manifestou ao respondê-lo, é importante para nós a sua opinião pelo que solicitamos que deixe neste espaço qualquer comentário, crítica ou sugestão relativamente à educação sexual nas escolas.

F2. Na sua opinião, que outras medidas poderiam ser implementadas pela escola do seu(s) filho(s) para o apoiar na educação sexual que disponibiliza em casa?

F3. Estaria interessado em participar numa formação para pais sobre educação sexual que fosse organizada pela escola do(s) seu(s) filho(s)?

- Sim
- Não
- Não sei

Se sim, que tópicos gostaria de ver abordados?

Muito obrigada pela sua colaboração e disponibilidade!

Caso tenha interesse na consulta de informação relacionada com temas de educação sexual, deixamos algumas sugestões de sites para consulta. Nos sites indicados é possível encontrar informações sobre educação para a sexualidade, sexualidade positiva e planeamento familiar, entre outros assuntos:

- <http://www.apf.pt/> - Associação para o Planeamento da Família (APF)
- <http://www.mdvida.pt/> - Movimento de Defesa da Vida (MDV)

Anexo II.1 - Carta de Apresentação da Investigação

Caro(s) Pai(s),

Encontra-se a decorrer uma investigação na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa cuja equipa é coordenada pela Professora Maria João Alvarez sobre a Educação Sexual em meio escolar. Dada a pertinência do assunto e a obrigatoriedade da sua inclusão no currículo escolar desde 2009, importa-nos recolher junto de pais, professores e alunos informações que permitam melhorar o nosso conhecimento sobre a Educação Sexual que as crianças e jovens recebem nas escolas.

O estudo em questão, pretende conhecer as perspectivas parentais acerca da Educação Sexual, remetendo para aspectos como a importância atribuída a diversos tópicos de Educação Sexual, o conhecimento sobre e o conforto perante determinados assuntos associados ao tema, abrangendo também aspectos ligados á Educação Sexual nas escolas.

Desta forma, serve a presente mensagem para solicitar a sua colaboração no estudo, através do preenchimento de um questionário constituído maioritariamente por questões de resposta fechada e 3 questões finais de resposta aberta onde pretendemos recolher as suas opiniões, sugestões, bem como conhecer os seus interesses e preocupações no que diz respeito a esta temática.

O questionário estará disponível em

<http://freeonlinesurveys.com/rendersurvey.asp?sid=rdfjge3bwviubxs1016398> para preenchimento, caso esteja interessado(a) em colaborar connosco.

Agradecemos deste já a sua participação. A informação que recebermos vai ajudar-nos a compreender melhor as ideias dos pais sobre a educação sexual e a dispor de sugestões para realizar ajustamentos que se mostrem necessários no futuro no âmbito da educação sexual nas nossas escolas.

No final do estudo disponibilizaremos aos participantes uma síntese dos resultados e principais conclusões da investigação.

Qualquer esclarecimento adicional poderá ser obtido através do contacto:
investigacao.educacaosexual@gmail.com

Com os melhores cumprimentos,

Marlene Quintal.

Anexo III.1 – Guião de Entrevista

O objectivo desta entrevista relaciona-se com o aperfeiçoamento do questionário ao qual respondeu, o qual será utilizado no âmbito de uma investigação sobre a comunicação entre pais e filhos, a realizar durante o presente ano lectivo.

Após ter procedido ao seu preenchimento, pelo qual agradecemos desde já a sua disponibilidade, gostaria de contar com a sua colaboração para responder a algumas questões breves sobre o mesmo.

Estas informações serão igualmente confidenciais e servem exclusivamente para que seja possível realizar melhoramentos ao referido questionário.

1. Há algum(ns) comentário(s) que queira fazer na sequencia do preenchimento do questionário?
2. Os itens do questionário apresentaram-se claros para si?
3. Surgiram dificuldades no preenchimento do questionário?
4. Em que questões sentiu maior e menor à-vontade para responder? Porquê?
5. Que assuntos dos indicados no questionários considera de maior importância quando fala de ES com o(s) seu(s) filho(s)? E os de menor? Porquê?
6. Se pudesse introduzir, alterar ou retirar do questionário alguma questão fa-lo-ia? Que questão seria, e porque razões?
7. Tem alguma sugestão para melhorar o questionário?
8. Existiu algum momento, durante o preenchimento do questionário, em que tenha sentido necessidade de pedir ajuda/apoio para discutir determinado assunto com o(s) seu(s) filho(s)?

Anexo IV.1 Sistema de Categorias

Operacionalização das Categorias

1. Currículo de ES: Faz referência a apreciações e a comentários, positivos ou negativos, acerca da inclusão ou exclusão ES no currículo escolar. Abrange exclusivamente aspectos do seu funcionamento (frequência das aulas/sessões, início da ES); da organização geral do currículo, métodos de ensino.

2. Papel do Professor: Refere-se à intervenção positiva ou negativa do formador na ES que disponibiliza (métodos, atitudes, comportamentos, transmissão de opiniões/preferências pessoais). Aponta igualmente para a necessidade de uma formação especializada destes agentes.

3.1 Intervenção dos Pais:

Refere-se à preferência pela intervenção na educação sexual como uma responsabilidade parental ou familiar.

3. Fonte de informação preferencial: Faz referência ao agente que, segundo a perspectiva parental, deve ser responsável por disponibilizar ES às crianças e jovens, pela sua importância e repercussão junto das mesmas. Desta categoria fazem parte 4 sub-categorias:

3.2 Intervenção dos Professores:

Refere-se à preferência pela intervenção na educação sexual como uma responsabilidade do professor.

3.3 Intervenção Partilhada - Pais-Professor(es):

Refere-se à preferência pela acção participativa dos pais conjuntamente com o(s) professor(es) na prestação da educação sexual.

3.4 Intervenção de Outros Técnicos:

Refere-se à preferência pela intervenção de técnicos especializados como psicólogos, enfermeiros, médicos, entre outros.

-
- 4. Considerações sobre ES:** Diz respeito a comentários ou opiniões pessoais mais globais sobre a sexualidade, à ES no geral, ou ao próprio questionário, considerando ainda possíveis relatos pessoais sobre a experiência dos pais relativamente à ES na escola dos seus filhos (e.g. mero comentário ao questionário, “A ES na escola do meu filho é muito boa.”; “Que eu tenha conhecimento não existe nenhuma disciplina”; “A ES deve ser holística, isto é, considerar a pessoa como um todo, pois toda a pessoa é sexuada”).

-
- 5. Apoio na ES prestada em casa:** Faz referência a ideias ou indicações/sugestões dos pais relativamente a possíveis medidas de apoio disponibilizadas pela escola. São exemplos a disponibilização e sugestão de materiais, incluindo também a dinamização de actividades a realizar pela escola para a participação dos pais. Constituem-se 2 subcategorias:

5.1 Materiais:

Flyers, filmes, livros e outros materiais que possam ser consultados pelos pais;

5.2 Dinamização de actividades/disponibilização de serviços:

Jogos pedagógicos (actividades lúdicas), dinâmicas de grupo, dinamização de palestras, colóquios, workshops, formação de pais, tertúlias, sessões debate e esclarecimento, entre outras acções do mesmo género; Inclui a disponibilização de outros meios/serviços: “criação de um gabinete de apoio aos pais e crianças/jovens”; “criação de bloges/sites informativos”.

-
- 6. Tópicos de interesse:** Esta categoria sintetiza, através da classificação em pequenos grupos, os diferentes tópicos que os pais gostariam de ver abordados.

6.1 (Tópicos) Sem Especificação:

Interesse por ver abordados uma multiplicidade de tópicos relacionados com a ES, sem referência a um ou mais assuntos em particular (e.g. referência à importância de todos os tópicos ou à necessidade de uma abordagem abrangente da sexualidade, considerando como exemplos os tópicos presentes no próprio questionário).

Inclui igualmente respostas representativas meramente do interesse ou ausência de interesse em participar numa formação ou workshop, (e.g. respostas como “Sim”, “Não”, “Não Sei”; “Nada a comentar”, “Nada a assinalar”,).

6.2 Competências Pessoais e Socio-Emocionais:

Refere-se a tópicos relativos a competências pessoais associadas à comunicação sobre a temática e à capacidade de demonstrar assertividade perante situações específicas (e.g. “saber dizer não”; competência pessoal para fazer e/ou assumir escolhas na sexualidade; competências de comunicação adequadas à pessoa, à situação, ao tópico). Inclui tópicos relacionados às emoções e aos aspectos relacionais ligados à sexualidade (e.g. “perspectiva emocional dos relacionamentos”; “a importância da afetividades nas relações”). Além destas, acresce o papel dos valores e o respeito pelas diferenças (e.g.: “respeito pelo outro”; “respeito pelas diferenças”).

6.3 Programa de ES:

Refere-se à vontade dos pais em estarem informados pela escola sobre as medidas e conteúdos incluídos/abordados no programa curricular de ES em função da faixa etária e das necessidades das crianças e jovens. Aponta para a preocupação dos pais em querer acompanhar e dar continuidade em casa, de forma consonante, a discussão dos tópicos abordados na escola (e.g.: “Todos os tópicos que vão (os professores/a escola) abordar no programa”; “Quais os tópicos adequados à idade das crianças e jovens no geral, e em particular à faixa etária dos seus filhos”).

6.4 Desenvolvimento

Incluem-se temas ligados às mudanças decorrentes do crescimento/desenvolvimento das crianças e jovens.
(e.g. “puberdade”; “consciência do corpo”; “a infância e a adolescência”; “início da vida sexual dos meus filhos”).

6.5 Saúde e Comportamento Sexual

Diz respeito a tópicos ligados às práticas sexuais desprotegidas e aos riscos a elas associadas (e.g.

“abuso sexual”; “gravidez na adolescência”, “interrupção voluntaria da gravidez”; “infecções sexualmente transmissíveis”), e outros comportamentos (e.g. “abstinência”, “iniciação precoce das relações sexuais”). Consideram-se ainda atitudes e condutas comportamentais associadas à postura perante a sexualidade – visão generalista do sexo em sociedade (e.g. “a banalização da sexualidade hoje em dia”).

7. Outros: Refere-se a outro tipo de respostas que não se incluem em nenhuma das categorias especificadas acima.

Anexo IV.2 – Análise de conteúdo realizada às questões de resposta aberta do questionário

Categorias		Exemplo	Frequência	%
Currículo de ES		<i>“Deviam começar a dar nas escolas a partir do 4º ano” (P105)</i>	48	11.51%
Papel do Professor		<i>“Pouca a vontade por parte dos professores” (P94)</i>	24	5.75%
Fonte de informação preferencial	Intervenção dos Pais	<i>“É responsabilidade dos pais” (P10)</i>	3	0.72%
	Intervenção do Professor	<i>“Pouca a vontade por parte dos professores” (P94)</i>	5	1.2%
	Intervenção Partilhada - Pais-Professor(es)	<i>“Deve ser trato em equipa: Pais/escola” (P196)</i>	19	4.56%
	Intervenção de Outros Técnicos	<i>“Deve ser leccionada por profissionais ligados à área da saúde e psicologia” (P5)</i>	13	3.12%
Considerações sobre ES		<i>“Para início penso que já está muito satisfatório” (P156)</i>	68	16.3%
Apoio na ES prestada em casa	Materiais	<i>“Filmes”; ”Livros” (P60)</i>	13	3.12%
	Dinamização de actividades/disponibilização de serviços	<i>“Tertúlias, sessões debate e esclarecimento, formação/ação” (P79)</i>	52	12.47%

	(Tópicos) Sem Especificação/Todos os tópicos	<i>“Sim. A sexualidade em termos gerais, todos os temas” (P164)</i>	87	20.86%
	Competências Pessoais e Socio-Emocionais	<i>“É importante divulgar o papel dos afectos que vão ser fundamentais no equilíbrio emocional futuro dos jovens” (P60)</i>	17	4.07%
Tópicos sem especificação	Programa de ES	<i>“Disponibilizar aos pais informações sobre o que foi apresentado na escola” (P28)</i>	11	2.64%
	Desenvolvimento	<i>“Sim. Educação sexual na infância e adolescência” (P168)</i>	11	2.64%
	Saúde e Comportamento Sexual	<i>“A importância do sexo numa relação. A banalidade do sexo hoje em dia” (P58)</i>	18	4.32%
Outros		<i>“Tipos de famílias” (P4)</i>	28	6.71%

Anexo V.1 - Extensão da comunicação sobre 12 tópicos de ES em função do nível de escolaridade dos filhos

Extensão da Comunicação						
Tópicos	Mediana	Ano	Nunca	Apenas em termos gerais	Com algum detalhe	Aprofundadamente
Nome correcto para os órgãos genitais	2	I – 4º	9.2%	43.1%	33.8%	13.8%
	3	5º – 6º	2.8%	22.2%	47.2%	27.8%
	3	7º – 8º	0%	23.1%	38.5%	38.5%
	3	9º – 12º	6.5%	37.5%	35.4%	20.8%
Puberdade	1	I – 4º	60%	30.8%	4.6%	4.6%
	3	5º – 6º	8.3%	27.8%	38.9%	25.0%
	3	7º – 8º	0%	11.5%	53.8%	34.6%
	3	9º – 12º	14.6%	20.8%	41.7%	22.9%
Reprodução	2	I – 4º	23.1%	50.8%	21.5%	4.6%
	3	5º – 6º	2.8%	25.0%	44.4%	27.8%
	3	7º – 8º	0%	11.5%	69.2%	19.2%
	3	9º – 12º	8.3%	20.8%	45.8%	25.0%
Contracepção e práticas sexuais seguras	1	I – 4º	80%	13.8%	4.6%	1.5%
	2	5º – 6º	41.7%	33.3%	16.7%	8.3%
	3	7º – 8º	3.8%	30.8%	38.5%	26.9%
	3	9º – 12º	14.6%	18.8%	35.4%	31.3%
Abstinência	1	I – 4º	87.7%	10.8%	0%	1.5%
	1	5º – 6º	61.1%	27.8%	2.8%	8.3%
	3	7º – 8º	26.9%	26.9%	34.6%	11.5%
	1	9º – 12º	35.4%	29.2%	20.8%	14.6%
Infecções Sexualmente Transmissíveis	1	I – 4º	80%	15.4%	3.1%	1.5%
	2	5º – 6º	22.2%	52.8%	16.7%	8.3%
	3	7º – 8º	3.8%	19.2%	46.2%	30.8%
	3	9º – 12º	6.3%	16.7%	45.8%	31.3%
Género e Diversidade	2	I – 4º	38.5%	43.1%	13.8%	4.6%
	3	5º – 6º	8.3%	38.9%	41.7%	11.1%

	3	7° – 8°	3.8%	26.9%	46.2%	23.1%
	3	9° – 12°	16.7%	25.0%	39.6%	18.8%
Abuso sexual e prevenção de aproximações abusivas	1	I – 4°	50.8%	36.9%	10.8%	1.5%
	3	5° – 6°	16.7%	36.1%	36.1%	11.1%
	3	7° – 8°	0%	15.4%	42.3%	42.3%
	3	9° – 12°	10.4%	16.7%	50.0%	22.9%
Prazer e satisfação sexual	1	I – 4°	86.2%	12.3%	0%	1.5%
	2	5° – 6°	44.4%	36.1%	0%	19.4%
	2	7° – 8°	23.1%	50.0%	23.1%	3.8%
	1	9° – 12°	37.5%	31.3%	20.8%	10.4%
Tomada de decisões sexuais nos relacionamentos	1	I – 4°	86.2%	12.3%	0%	1.5%
	1	5° – 6°	44.4%	30.6%	0%	25.0%
	2	7° – 8°	11.5%	34.6%	34.6%	19.2%
	3	9° – 12°	18.8%	27.1%	33.3%	20.8%
Noção de família	2	I – 4°	33.8%	43.1%	20.0%	3.1%
	3	5° – 6°	16.7%	36.1%	41.7%	5.6%
	3	7° – 8°	7.7%	26.9%	50.0%	15.4%
	3	9° – 12°	16.7%	27.1%	35.4%	20.8%
Aspectos emocionais e relacionais nos relacionamentos íntimos	1	I – 4°	66.2%	37.7%	4.6%	1.5%
	2	5° – 6°	19.4%	44.4%	22.2%	13.9%
	2	7° – 8°	7.7%	46.2%	26.9%	19.2%
	3	9° – 12°	16.7%	27.1%	37.5%	10.0%

Opções de resposta: 1 = Nunca, 2 = Apenas em termos gerais, 3 = Com algum detalhe, 4 = Aprofundadamente.
 N = 175